

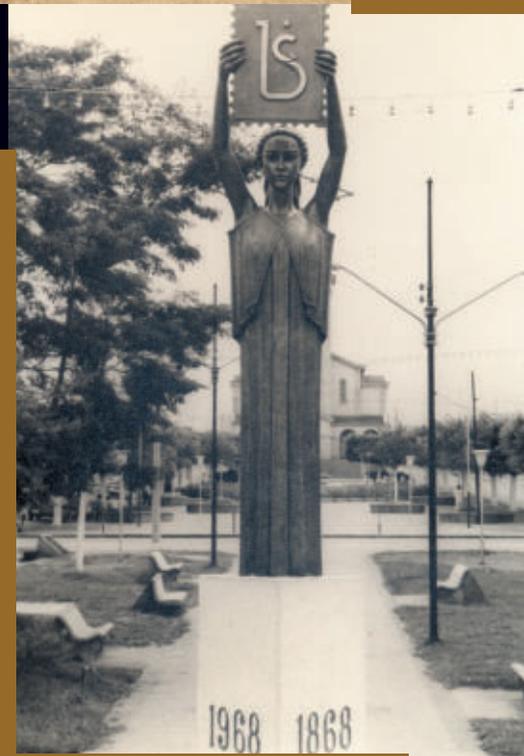
Revista **PRÓ-MEMÓRIA**

Sumaré

Sumaré • Novembro de 2019 • Nº 5 • ISSN 2359-1013



SUMARÉ 150 anos de HISTÓRIA



CRÉDITOS

DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SUMARÉ – 2018/2020

Presidente: Alaerte Menuzzo

Vice Presidente: Júlio José Campigli

1º Secretário: José Antonio Rodrigues

2º Secretário: Telma Vermelho

1º Tesoureiro: Francisco Antonio de Toledo

2º Tesoureiro: Norberto Valentino Fávero

Diretor de Patrimônio: Roberto Cordenonsi

Vice Diretor de Patrimônio: Wellington Correia de Oliveira

Diretor Social: Glauce Ongaro

Vice Diretor Social: José Cunha Filho

CONSELHO FISCAL

Orlando Fabbri

Renato Ghirardello

Ulisses Pedroni

SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL

Eduardo Gigo

Laerte Dell'Agneze

Vilson Oschin Alves

ORGANIZAÇÃO

Fernanda Gabriela Biondo

FUNCIONÁRIOS E COLABORADORES

Adrielle Aline Alloi

Aleksandra Cristina Alves Borges Banzato

Alfred Spahrn Júnior

Ana Amélia Caldas Baláo

Antonio Daniel do Carmo

Claudinei Gabriel Pinto

Daisyree Cristine de Jesus

Fausto Luíz Rodrigues

Flávio Biondo

Gustavo Lucas Metzner

Jarbas Teixeira

José Hoffmann Júnior

José Luís Rodrigues da Silva

Juliana Jhessica Januario de Souza

Silvana Cristina Rosa Santana

Sônia Maria Oliveira Fregatti

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Odair Silva Santos - MTB 44.122

IMAGENS

Acervo Associação Pró-Memória de Sumaré

REVISÃO

Fernanda Gabriela Biondo

Francisco Antônio de Toledo

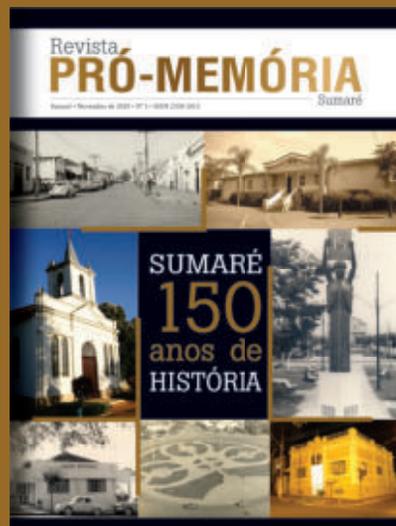
José Antônio Rodrigues

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Andressa Pirschner Assunção

EDIÇÃO e CO-EDIÇÃO

Oca Editora / Editora Seta Regional



**Revista
Pró-Memória
Novembro de 2019**

**Tiragem: 2.000
ISSN 2359-1013**



FOTOS DA CAPA

1. Rua 7 de Setembro, década de 1950
2. Igreja Senhor Bom Jesus do Matão
3. Ginásio Estadual de Sumaré, década de 1950
4. Praça das Bandeiras, década de 1970
5. Centro de Memória "Tomaz Didona"
6. Monumento do Centenário
7. Casarão da Fazenda Sertãozinho Restaurado

Revista
PRÓ-MEMÓRIA
Sumaré

SUMARÉ
150
anos de
HISTÓRIA

2019 n° 5

ISSN 2359-1013

Praça da República 102 – Centro – Sumaré/SP
promemoriasumare@gmail.com
promemoriasumare.com.br
19 3803-3016



Entidade fundada em 14 de janeiro de 2004



Fernanda Gabriela Biondo

APRESENTAÇÃO

Sumaré completou 150 anos em 26 de julho de 2018. Um século e meio de histórias, de trocas, de encontros, de vivências. Com este marco comemorativo em vista a Associação Pró-Memória de Sumaré deparou-se mais um desafio: como contemplar 150 anos de História em um Fórum ou uma Revista? Como escolher um eixo temático que possa abranger a magnitude desta data? Existem diversas possibilidades de abordagem, pois a comemoração de 150 anos de um município permite refletir sobre inúmeros aspectos de sua formação: desenvolvimento urbano e social, referências culturais, educação, preservação do patrimônio cultural, meio ambiente etc. No entanto, foi possível visualizar um eixo que norteia todos os outros. Um eixo que entrelaça os setores temáticos que versam sobre Sumaré. Todos esses aspectos podem ser relacionados por um elemento em comum: a historicidade. Nesta perspectiva, para abordar um tema tão amplo como um século e meio de aniversário do município de Sumaré, o tema central da quinta edição da Revista Pró-Memória é **História**.

Muitos podem achar que quando falamos em História, estamos falando apenas do passado. De coisas velhas. Daquilo que já foi e é “chato” falar sobre. No entanto, história não é apenas uma ciência que estuda o passado, mas sim, o presente. Segundo um dos historiadores mais influentes da história, Marc Bloch, a História é a ciência que estuda os homens, ou melhor dizendo, a humanidade, e a sua ação no tempo. Ou seja, a História permite compreender o presente e sua relação com o passado. E ao entender o nosso presente, o momento atual, e o processo histórico que nos trouxe até aqui, podemos visualizar as diretrizes e possíveis caminhos para construir um futuro melhor.

História enquanto ciência. História enquanto identidade, enquanto educação, enquanto cultura, enquanto memória. Porque História é tudo isso. É cidadania. É assumir nosso papel como agentes ativos e políticos na sociedade. E História não é apenas passado. É futuro. É refletir sobre como podemos construir um presente sustentável para que as próximas gerações possam usufruir dos espaços de vida, dos recursos naturais, dos símbolos e significados culturais que abarcam nossas vidas hoje.

Assim, a Revista Pró-Memória foi organizada de modo a apresentar artigos que versem sobre os diversos aspectos dos 150 anos de Sumaré, como a própria formação da nossa sociedade, por meio dos movimentos imigratórios e migratórios. A orquídea Sumaré, “*Cyrtopodium punctatum*”, também ganhou destaque, com artigo que apresenta a origem do nome de nossa cidade e por meio de um belo poema. O campo da Cultura e do Turismo em Sumaré introduzem conceitos fundamentais sobre nossa diversidade cultural, assim como as diferentes possibilidades de lazer e entretenimento, para os visitantes e para a própria população. A Educação é contemplada por meio de artigos que contam sobre iniciativas e instituições de ensino de destaque, assim como debatendo sobre os desafios do ensino de História em sala de aula. As entidades e associações de Sumaré descrevem iniciativas de grupos de moradores comprometidos com a cidadania e a qualidade de vida de todos. Assim, com o objetivo de estimular o debate sobre a importância de preservar as histórias e as memórias de nossa cidade, a Associação Pró-Memória apresenta a quinta edição da Revista Pró-Memória: Sumaré, 150 anos de História. ●

SUMÁRIO

- 06** Migrantes em Sumaré
Francisco Antonio de Toledo
- 11** Nomeando uma Flor
Fernanda Biondo
- 14** *Cyrtopodium punctatum* (Sumaré)
Antônio Daniel do Carmo
- 15** Resistência Cultural: Tecendo Identidades e Costurando Pertencimentos
Carla Aparecida Peruzzo
- 21** Sumaré e seus atrativos turísticos
Juliana Paiola
- 25** Uma Escola Inovadora e Futurista
José Antonio Rodrigues
- 30** Delegacia de Ensino de Sumaré: Atual Diretoria Regional de Ensino da Região de Sumaré
Júlio José Campigli
- 35** Escola do Sesi em Sumaré: Centro Educacional Sesi 341
Marlene Giroto
- 39** O Ensino De História Nas Escolas
Mara Alice Forti
- 42** Sidney Foffano
Alaerte Menuzzo
- 47** Presente e Passado
Glauce Ongaro
- 51** Entidades de Sumaré: Lions Clube, Rotary e Maçonaria
Roberto Cordenonsi
- 57** Instituto Assistencial Pio XII: Uma história de cuidado com Sumaré
Bruno Izaias da Silva
- 59** A Fundação da A.S.M.S: Associação dos Servidores Municipais de Sumaré
José Cunha Filho
- 61** Autores
- 62** Sócios Contribuintes



Francisco Antonio de Toledo

MIGRANTES EM SUMARÉ

O crescimento demográfico de qualquer cidade do mundo é um fato corriqueiro. Raríssimas são as cidades que decrescem. Crescer ou decrescer são fenômenos ligados não só à taxa de natalidade ou mortalidade, mas também à entrada ou saída de pessoas. Desde a pré-história, o homem primitivo se deslocava de um lugar para outro, de uma região para outra, de um país para outro em busca de sobrevivência. Migrar não é um luxo, mas uma necessidade.

O Brasil é um país de migrantes. Seu tamanho descomunal, as diferenças climáticas e geológicas entre as regiões, as distâncias entre uma região e outra, o histórico de sua colonização ao longo dos séculos, o deslocamento contínuo da população do litoral para o interior, do Nordeste para o Sudeste, do campo para a cidade, das pequenas cidades para as grandes, tornam o Brasil um país de migrantes. Desde os primitivos habitantes do Brasil até os urbanoides modernos, grande parte dos brasileiros se mudam de um lugar para outro, de uma cidade para outra, de um estado para outro. São raros os que nascem, vivem e morrem no mesmo local.

No Estado de São Paulo, por exemplo, havia 3 milhões de migrantes em 1970. Em Sumaré, nessa época havia 14.000 migrantes numa população de 23.000. Havia mais migrantes do que moradores naturais da cidade.

Por volta de 1950, Sumaré era uma minúscula cidade de 5.850 habitantes. Cidades com população semelhante à de Sumaré na época, eram Monte Mor com 5.600 habitantes, Artur Nogueira com 5.800 e Cordeirópolis com 6.000. Pois bem, hoje Monte Mor tem 55.000, Artur Nogueira 53.000 e Cordeirópolis 23.000 habitantes, enquanto Sumaré tem 273.000. É quase inacreditável, se não fosse um fato. Se somarmos hoje (2019) a população de Sumaré com a de Hortolândia, antigo distrito de Sumaré, nossa cidade teria hoje 495.000 habitantes. Foi um crescimento espantoso, não só pelo volume demográfico, mas pela velocidade incrível com que isso aconteceu.

Sumaré é o caso paradigmático de uma cidade cuja população cresceu muito e rapidamente por causa dos migrantes que nela entraram. No começo eram os imigrantes,

isto é, os que vieram da Europa, - portugueses, italianos, espanhóis, franceses, russos, belgas, norte-americanos, - depois os migrantes, que vieram de todos os cantos do Brasil.

Veja a população de Sumaré desde sua emancipação de Campinas até os dias de hoje:

ANO	HABITANTES
1950	5.850
1960	10.663
1970	23.054
1980	101.872
1991	227.567
2000	196.723 (sem Hortolândia)
2010	241.311
2017	273.007 (estimativa do IBGE)

Fonte: Estimativa do IBGE

Sumaré se tornou município independente em 1953, com uma população de pouco mais de 6 mil habitantes. Fazia mais de 30 anos que a população do vilarejo - então chamado Reboças - não aumentava. A autonomia política, em 1953, tirou o novo município da letargia: o censo de 1960 mostrou

que em menos de dez anos a população tinha quase dobrado. Um momento novo da história de Sumaré estava acontecendo: grandes empresas começavam a se implantar na cidade e muita gente de fora estava chegando – os migrantes.

Eram centenas e centenas de famílias que vinham de municípios do próprio Estado de São Paulo e de todos os estados do Brasil. Logo conseguiam trabalho nas fábricas, na construção civil, no comércio, nos serviços domésticos.... Eram pessoas em geral de baixa escolaridade e pouca experiência profissional, mas dispostas a trabalhar para começar nova vida. Muitos deles vinham da zona rural, onde passavam fome e não tinham nenhuma expectativa de vida melhor para si e para seus filhos. Sumaré lhes parecia a Terra Prometida.

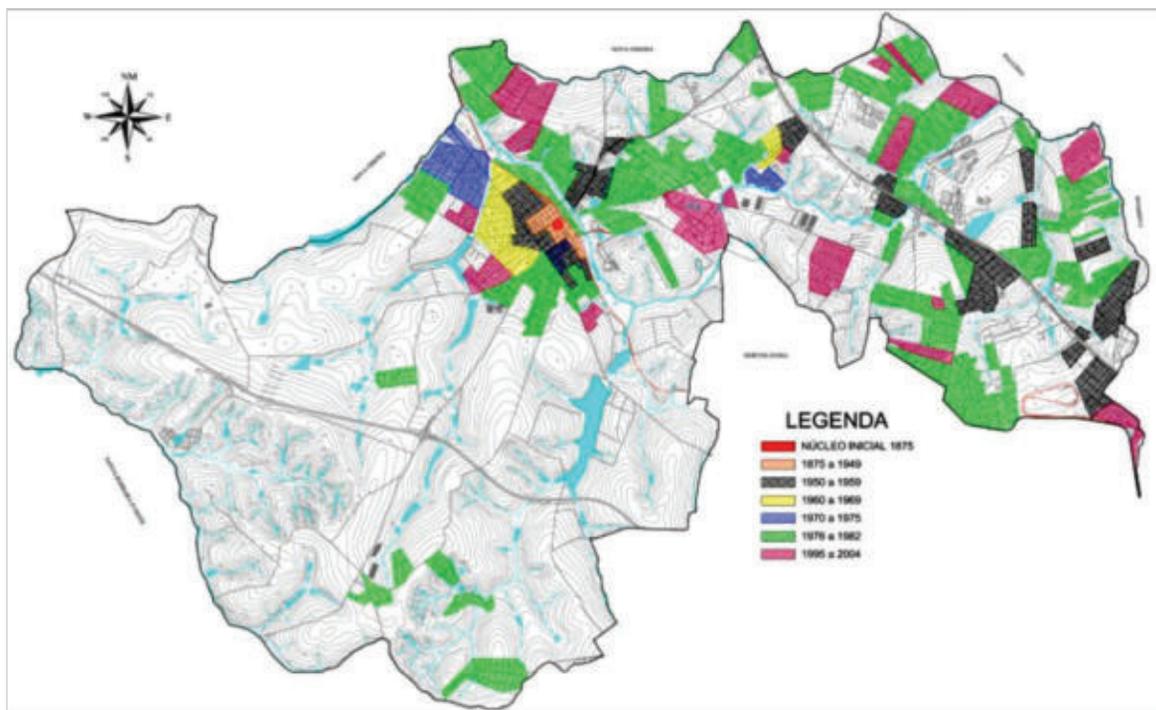
E trabalho não faltava em Sumaré, onde grandes empresas se instala-

Eram centenas e centenas de famílias que vinham de municípios do próprio Estado de São Paulo e de todos os estados do Brasil. Logo conseguiam trabalho nas fábricas, na construção civil, no comércio, nos serviços domésticos....

vam. É o que os demógrafos chamam de *interiorização da Indústria* que, em pouco mais de três décadas, transformou a Região Metropolitana de Campinas (RMC) numa das mais importantes regiões

industriais do Brasil em termos econômicos. Assim, pode-se lembrar em Sumaré a 3M do Brasil, Cobrasma-Brasexos, Goodrich (depois Pirelli), Tratores do Brasil (depois Müller/ Wabco), Minasa, Samba, Tema Terra, Buckman, Johnson & Johnson, Honda, Eletrometal (depois Villares), Sotreq, Tintas Sumaré (depois Sherwin Willians) e outras. A oferta de trabalho era tanta que alimentava toda a demanda. Mal chegava à cidade, o migrante se empregava. É emblemático o caso do migrante Geraldo Leiteiro, do Matão, que assim se expressou: “Cheguei a sair de uma firma de manhã e entrar em outra à tarde. Não faltava serviço”. E de José Francisco de Freitas que me disse: “Os migrantes pegavam qualquer trabalho. Algumas firmas preferem contratar os que vem de fora, porque eles trabalham com vontade”.

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO NO TERRITÓRIO SUMAREENSE



Fonte: Prefeitura Municipal de Sumaré

CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO DE SUMARÉ E DAS CIDADES DA RMC

A tabela a abaixo mostra o crescimento da população de Sumaré nas últimas décadas em comparação com as outras cidades da região.

POPULAÇÃO RESIDENTE E TAXAS DE CRESCIMENTO NOS MUNICÍPIOS DA RMC 1980-2010

TAXA DE CRESCIMENTO (%)

MUNICÍPIO	1991	2000	2010	1991 - 2000	2000 - 2010
REGIÃO M.C.	1.860.987	2.342.881	2.808.889	2.59	1.82
AMERICANA	153.273	182.300	210.638	1.95	1.44
ARTUR NOGUEIRA	27.811	32.965	44.177	1.91	2.95
CAMPINAS	843.516	968.160	1.080.113	1.54	1.09
COSMÓPOLIS	36.421	44.250	58.827	2.19	2.86
ENGENHEIRO C.	10.000	15.721	-	-4.59	-
ITATIBA	61.236	80.987	101.471	3.15	3.26
JAGUARIÚNA	24.819	29.533	44.311	1.95	4.11
MONTE MOR	25.291	37.207	48.949	4.38	2.76
MORUNGABA	8.174	9.893	11.752	2.14	1.93
NOVA ODESSA	33.876	41.987	51.240	2.41	2.00
PAULÍNIA	36.298	51.163	82.146	3.89	4.81
PEDREIRA	27.653	35.141	45.558	2.70	1.68
SANTA BÁRBARA	143.945	169.818	180.009	1.85	0.58
STO ANTONIO POSSE	14.272	18.074	20.650	2.66	1.33
SUMARÉ	223.553	196.099	241.311	1.45	2.08
VALINHOS	67.545	82.817	106.793	2.29	2.55
VINHEDO	33.255	47.065	63.611	3.90	3.03

Fonte: IBGE Censo Demográfico de 1991, 2000 e 2010

O censo de 1970 mostrou que a população de Sumaré tinha dobrado, chegando a 23.054 pessoas. No censo de 1980 atingiu o absurdo índice de 101.872 habitantes. A população mais que quadruplicou! Um fenômeno demográfico raríssimo no mundo, não só pelo número de pessoas, mas pela celeridade com que isso aconteceu. Sumaré se desestruturou. Não se pode concordar com o susto dos antigos moradores que, acudados em seu feudo, chamavam os migrantes de “forasteiros”. Mas, po-

de-se facilmente entender o desconforto causado por esse tsunami migratório!

Pesquisas mais recentes mostram que tem diminuído o ritmo de migrantes vindos para a RMC. O Censo de 2010 mostrou que, nessa década, vieram para a região 241.311 migrantes, e que em 2.000 tinham vindo 292.769. Isso significa que também para Sumaré tinham vindo menos migrantes. Mas, dos 20 municípios da RMC, Sumaré foi a que, percentualmente, mais recebeu migrantes nas

últimas décadas. Mesmo assim, a taxa anual de crescimento da população de Sumaré entre 2.000 e 2.010 foi de 2.06%, enquanto no Brasil foi de 1,17%.

O MIGRANTE E A MORADIA

Fator indispensável para a sobrevivência do migrante era a moradia. Sua renda não bastava para pagar aluguel. Nos anos 70 e 80, não havia na cidade oferta de casas para tanta demanda. Premido pela necessidade e estimulado pela

propaganda maciça, o migrante, ainda em sua cidade de origem, ouvia dia inteiro pelo rádio a oferta de terrenos baratos em Sumaré, para pagar em 60 meses. Apesar do minguado salário, ele vai, então, construindo, aos poucos, sua casinha, à noite e nos fins de semana, coberta de lona, sem piso e sem banheiro.

A migração provocou a aprovação indiscriminada de loteamentos no território sumareense com consequências danosas para o município. Só no governo de um Prefeito foram aprovados 77 loteamentos para atender a enorme demanda de moradia. De 1970 a 1980 foram aprovados pela Prefeitura 64 loteamentos, dando origem a 64 bairros. De 1981 a 1990, mais 36 foram aprovados. Por todo o território sumareense foram brotando como cogumelos do chão, milhares de moradias, formando bairros sem água, sem luz, sem saneamento básico, sem esgoto, sem segurança, sem escola.

Outro aspecto a se lembrar é a distribuição dos loteamentos no território, que não obedeceu a critérios racionais e técnicos de um Plano Diretor do Município. Os loteamentos foram aprovados quase sempre para atender a interesses particulares das Imobiliárias com a conivência do poder público. Além das carências de infraestrutura, muitos loteamentos se localizavam em áreas distantes do centro, praticamente ilhados e também distantes entre si. A falta de diretrizes e de Plano Diretor provocaram problemas graves que continuam até hoje, como falta de articulação viária entre os núcleos urbanos, falta de infraestrutura

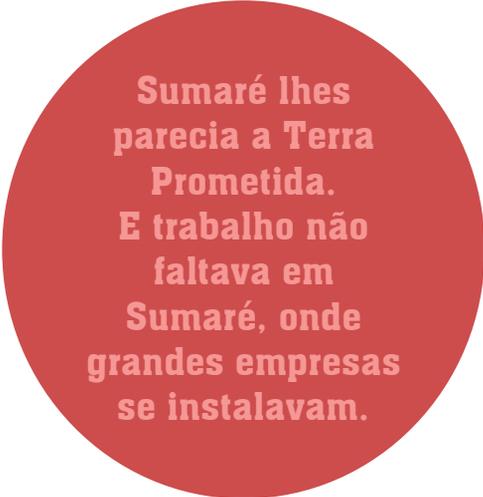
e persistente favelização – colocando milhares de cidadãos em situação grave de vulnerabilidade social. No ano 2.000 havia perto de 20 mil favelados em Sumaré.

O NOVO CENÁRIO DA CIDADE

A repercussão do processo migratório se fez ouvir também na organização da política municipal. Até 1982, a Câmara Municipal era composta só de vereadores da cidade. No ano seguinte, foi eleito um migrante representando o distrito de Hortolândia. Daí pra frente, o número de vereadores migrantes foi aumentando a cada ano, chegando a constituir absoluta maioria nos dias de hoje. No Executivo não foi muito diferente: em 1997, foi eleito um Prefeito não-natural de Sumaré, Dirceu Dalben, juntamente com seu vice, e no mandato seguinte, chegou ao poder o migrante José Antonio Bacchin. O capital eleitoral da periferia, povoada de migrantes, continua dando as cartas na política municipal. Basta verificar a procedência dos vereadores nas últimas legislaturas.

Quando hoje se procura compreender a singularidade de Sumaré em comparação com outras cidades, é imprescindível procurar entender seu processo rápido de crescimento, moldado pelo fluxo migrante. Sem a menor dúvida, a migração *moldou* Sumaré, e seus reflexos perduram até hoje.

É preciso indagar sempre e ir cada vez mais a fundo para avaliar a importância e o peso do migrante na formação de Sumaré. Sua chegada provocou mudanças estruturais no



Sumaré lhes parecia a Terra Prometida. E trabalho não faltava em Sumaré, onde grandes empresas se instalavam.

município, na distribuição da população, na qualidade de vida, na ocupação do solo, na distribuição anômala da população no território, na estrutura política e administrativa.

Era humanamente impossível o poder público dar conta de tamanha demanda social. Mas o fato é inegável: estava instalado o caos, cujas consequências afetaram o Município por décadas, e cujas sequelas perduram até hoje.

Releva observar que o migrante ocupou a periferia de Sumaré, provocando a descentralização urbana. Antes havia o núcleo central ao redor da Estação. Matão, Hortolândia e Nova Veneza de alguma forma orbitavam ao redor do núcleo urbano central de Sumaré. Agora, a maciça presença do migrante deu voz à periferia, fez aumentar a população desses bairros, e provocou a emancipação de Hortolândia. O centro de Sumaré foi perdendo sua centralidade física e política. A periferia não quer mais ser periferia. O migrante não quer ser apenas migrante. Estão em curso outras mudanças, difíceis de prever, mas perceptíveis a um atento observador.

MIGRAÇÃO, PERTENCIMENTO E IDENTIDADE

A migração trouxe também complexas mudanças no cenário econômico, social, político, cultural, religioso, artístico de Sumaré.

Além das mudanças provocadas pela migração, como crescimento da população e sua distribuição aleatória no território, ela acentuou a distância entre um bairro e outro, e entre os bairros e a região central. O frágil sentido de pertencimento, que o migrante naturalmente não tinha, foi crescendo. O migrante está aqui, mas não é daqui. Suas raízes estão noutra lugar. Transcrevo aqui o que escrevi há alguns anos.

“O crescimento desordenado da população... contribuiu para caracterizar a cidade. O migrante foi confinado na periferia, desligado do núcleo urbano central pela distância e pela carência de recursos mínimos, e acabou se isolando. Dois terços da população foram alojados na parte leste do município, voltados para Campinas. A proximidade física, a facilidade de comunicação pela rodovia Anhanguera, a inevitável atração da metrópole campineira sobre as cidades satélites, fizeram os moradores voltarem as costas para Sumaré. Para muitos moradores, “ir para a cidade” é ir para Campinas. Os números da mobilidade pendular ajudam a entender isso (...) Por isso, é compreensível que muitos que moram nos bairros periféricos não tenham o sentido de pertencimento à cidade, não se identifiquem com ela”.

Não cabe, no espaço desta revis-

ta, a discussão sobre o sentido de identidade e pertencimento. O certo é que são termos de grande complexidade que sociólogos e demógrafos debatem com cuidado, lembrando que numa sociedade em que tudo é instável e provisório, talvez os conceitos de identidade e pertencimento tenham que ser rediscutidos. Ver Bauman, por exemplo.

A MIGRAÇÃO HOJE EM SUMARÉ

As transformações ocorridas em Sumaré pelo fenômeno migratório foram grandes e profundas. Delas ainda não conseguimos ter uma compreensão plena, mesmo porque ainda estamos envolvidos no processo. Talvez no futuro se possa avaliar melhor esse fenômeno com maior objetividade.

As migrações redesenharam literalmente Sumaré. Todos os esboços que tentaram desenhar a cidade perderam a validade, inclusive o Plano Diretor do Município em suas várias edições.

Os gestores públicos não se deram conta de que a cidade mudava e continua mudando a cada dia; era uma, hoje é outra, completamente diferente. Tentaram desenhar uma cidade nova em cima de um esboço antigo. Fizerem Planos que engessaram a cidade ao invés de abrir-lhe caminhos novos.

Mas uma notícia boa pode ajudar um pouco: apesar do dinamismo alucinante da migração na RMC e, por consequência, no Município de Sumaré, contudo o ritmo do fluxo migratório tem diminuído nos últimos anos.

As pesquisas mostram que a tendência agora é diminuir a entrada

de migrantes, uma vez que muitos deles têm retornado à terra natal. Observa-se, por exemplo, que nos últimos anos, em alguns estados do norte e nordeste, a situação econômica melhorou um pouco e oferece melhores condições de vida.

Outro aspecto: muitos migrantes aqui chegados nos anos 70, 80 e 90 adquiriram conhecimento e experiência de trabalho no sudeste, e, por isso, se sentem mais qualificados para conseguir emprego em sua terra de origem, ou em outras cidades e estados do país. ●

REFERÊNCIAS

TOLEDO, Francisco Antonio de. *Sumaré, o Tempo e o Espaço do Migrante*. Andarco Editora. São Paulo: 2009, p. 84.

BAUMAN, Sigmund. *Identidade*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005



NOMEANDO UMA FLOR

A escrita deste artigo foi impulsionada pela descoberta “acidental” de um documento único da história de Sumaré, encontrado durante estágio em História realizado no Arquivo Municipal de Campinas, em 2009. A missão era realizar um trabalho de identificação, classificação, arranjo e descrição de documentos já recolhidos no acervo permanente, bem como identificar documentos destinados à eliminação. Cada documento que passava por nossas mãos era lido e cuidadosamente classificado. E foi nesse processo que um ofício, um documento histórico singular, que versa sobre o plebiscito realizado para escolha do nome que substituiria o de Rebouças, destacou-se. Este documento foi digitalizado pelo Arquivo Municipal de Campinas, que cedeu as cópias virtuais à Associação Pró-Memória de Sumaré, permitindo que esta entidade guarde em seu rico acervo mais uma documentação de suma importância para a história de Sumaré¹.

1. Este artigo foi originalmente publicado em 05 de fevereiro de 2011 na Tribuna Liberal de Sumaré e adaptado para a 5ª edição da Revista Pró-Memória 2019.

“Das sementes nasceu uma flor. E essa flor se chamou SUMARÉ”. Essas são as palavras cantadas em nosso Hino Municipal. Letra que engrandece a história e o desenvolvimento de nossa cidade e, não poderia deixar de exaltar, também, seu nome. Ganhamos o nome de uma flor, mas Sumaré nem sempre foi Sumaré.

REBOUÇAS

Éramos Rebouças. E antes, um pequeno povoado que cresceu nos arredores do Ribeirão Quilombo. Sabemos que a vida deste, era muito dependente da província de Campinas, conhecida como “a capital agrícola de São Paulo”. Campinas concentrava o pólo de escoamento do que era produzido em Rebouças e, levar nossa produção agrícola, destinada ao comércio, para lá, não era trabalho fácil. Com estradas muito precárias, perigosas e esburacadas, dependíamos do lombo do burro ou de carroça; e em épocas de chuva, a missão era praticamente impossível. O progresso fazia-se necessário e tudo direcionava nossa região para a construção de uma Estação Ferroviária.

Assim, nos primeiros anos da década de 1870, o engenheiro Antô-

nio Pereira Rebouças Filho, iniciou um árduo trabalho de reconhecimento das terras pelas quais passariam os trilhos do progresso. No entanto, devido a uma trágica enfermidade, o engenheiro-chefe não conseguiu finalizar sua obra, falecendo em maio de 1874. No ano seguinte, ao concluir-se a construção da Estação Ferroviária, esta levaria o nome de Rebouças, como uma singela homenagem póstuma. O bairro e distrito que se desenvolveu ao redor da “Estação do Rebouças”, como ficou conhecida, levaria, também, seu nome para as páginas da história.

MUDANÇA

Após setenta anos de crescimento, modernidade e urbanização, em 1º de janeiro de 1945, Rebouças passou a se chamar Sumaré. A mudança ocorreu devido a uma lei federal que impedia a duplicidade de nomes de duas localidades, pois havia no Estado do Paraná, um município chamado Rebouças. Curiosa e coincidentemente, este ganhara essa denominação, também por uma homenagem prestada ao engenheiro que construiu a rede ferroviária local, o qual se chamava Antônio Rebouças. O

distrito paranaense emancipou-se em 1930 e, em 1943 reduziu seu nome, de Antonio Rebouças, para Rebouças. Assim, a Rebouças paulista sentiu a necessidade de trocar de nome. Nosso distrito foi tomado, então, por um sentimento de alvoroço e entusiasmo: poderíamos definir um novo nome, *escolhido* pela própria população: por nós!

IDENTIDADE

É importante ressaltar esse clima de alvoroço, pois era consequência de alguns elementos intrínsecos a sociedade “reboucense” da época. Como distrito, Rebouças contava com a Prefeitura de Campinas para resolver suas pendências. No entanto, não éramos mais aquele pequeno povoado que se instalou nos arredores da Estação Ferroviária. Rebouças cresceu, sua população aumentou e, consequentemente, seus problemas, exigindo uma demanda maior de atenção e cuidados. Ser distrito não era mais suficiente e, seus moradores já aspiravam à emancipação. A mudança de nome representava o início de uma grande fase de transformações sociais, políticas e econômicas no distrito que caminhava para tornar-se município independente. Além disso, a oportunidade de escolher, democraticamente, o nome da cidade em que moramos, é privilégio único. Nomear uma cidade, uma criança ou, até mesmo, uma nova espécie de flor, significa criar sua identidade. Significa, ainda, legitimar sua singularidade e, a partir dela, semear seu desenvolvimento como criatura única. Ao nomear Sumaré, nossos conterrâneos não estavam somente

No ofício, João de Vasconcellos, subprefeito no período, descreve como realizou a eleição: “expus, durante 3 dias, uma urna na porta da Subprefeitura para nela o povo depositar o seu voto e, findo esse prazo, convoquei uma reunião pública para a apuração dos votos nela contidos”.

mudando o nome de um distrito, mas estavam dando origem aos cidadãos *sumareenses*.

A ELEIÇÃO

A escolha do novo nome de Rebouças ocorreu através de uma eleição, cujos detalhes foram descobertos através de uma pesquisa realizada no Arquivo Municipal de Campinas, na qual foi encontrado um documento histórico único: um ofício enviado pela subprefeitura de Rebouças, informando o resultado das eleições que definiriam seu novo nome. Este documento mostra que o processo para nomeação de nosso município teve início em 30 de Setembro de 1943, data do protocolo na Prefeitura de Campinas.

No ofício, João de Vasconcellos, subprefeito no período, descreve como realizou a eleição:

“expus, durante 3 dias, uma urna na porta da Subprefeitura para

nela o povo depositar o seu voto e, findo esse prazo, convoquei uma reunião pública para a apuração dos votos nela contidos”.

Ainda, podemos ver escrito à mão, a quantidade de votos que cada uma das opções candidatas para nomear nosso município recebeu nesta eleição:

“Sumaré, 523 votos; Tipuana, 97 votos; Valenópolis, 10 votos; Andorinhas, 7 votos; Iara, 5 votos; Azaléia, 1 voto; Bartira, 1 voto.”

Com uma vitória esmagadora “Sumaré” foi a preferência majoritária dos cidadãos. Mas, para evitar nova dualidade, João de Vasconcellos continua:

“na possibilidade de existir nome idêntico, já dado a outra localidade, o que tem sido difícil a esta subprefeitura averiguar por falta de elementos é que envio a V.S. a relação completa dos nomes votados, para que o Diretório de Geografia do Estado, designe dentre eles o nome definitivo” (sic).

Do total de 7 nomes candidatos, o documento justifica somente a colocação de duas das alternativas:

“o nome Andorinhas é em homenagem às avesitas de Campinas; e o de Valenópolis, recorda um dos moradores mais antigos desta vila, já falecido, Sr. Antônio do Vale”.

As outras opções foram sugeridas aleatoriamente, pois não havia lei que impusesse motivos ou elementos para sua escolha.

“Tipuana” foi o segundo nome mais votado, e representaria uma

árvore muito comum na região, de grande porte e flores amarelas, que enfeitavam a cidade com um tapete de pétalas. Outra sugestão oriunda das raízes na flora da região é “Azaléia”: arbusto de flores comumente conhecidas que coloriam de lilás nossa vila. “Bartira” e “Iara” são referências à cultura indígena brasileira. Segundo conta a lenda, Iara era uma índia guerreira e costumava banhar-se nos rios e cantar, encantando aos homens que não resistiam à sua beleza e se atiravam nas águas para encontrá-la. Possivelmente esta sugestão de nome deveria estar relacionada ao Ribeirão Quilombo que na época tinha as águas tão limpas que era possível pescar, nadar e até bebê-la. Já Bartira foi uma índia catequizada, que se casou com um explorador português e mudou-se para São Paulo. Bartira é a representação do indígena civilizado e ocidentalizado, que deixara sua cultura para aprender os costumes europeus. Acredito que seja importante notar que, em 1940, Rebouças contava com uma população aproximada de cinco mil habitantes. Destes, menos de mil eram eleitores. Contando-se as cédulas na urna, encontramos um total de 644 votos, número que representa a grande maioria de eleitores da época.

DAS FLORES, SUMARÉ

Assim, deixamos de ser Rebouças e tornamo-nos Sumaré. Mas porque a escolha em massa por este nome? Segundo pesquisa já realizada pelo professor e historiador Francisco Antônio de Toledo, existe um motivo em particular que poderia ter influenciado nesta escolha: foi uma sugestão de Al-

fredo Marques Pereira. Jardineiro da subprefeitura, gostava de flores e, principalmente, de orquídeas. Em uma reunião na qual era discutido o futuro nome do distrito, no Clube Recreativo Esportivo Aliança, Alfredo sugeriu “Sumaré”, justificando sua ideia, por tratar-se de uma belíssima orquídea, amarela com manchas marrons, que era facilmente encontrada nas redondezas da cidade. Além disso, conta-se também, que os torcedores do São Paulo Futebol Clube têm participação especial na escolha do nome, pois o estádio deste time localizava-se no bairro do Sumaré, na capital paulista.

Com uma vitória esmagadora “Sumaré” foi a preferência majoritária dos cidadãos.

Esta mudança na identificação e criação da identidade local pode ser considerada como um dos pontapés iniciais que desencadeou grandes mudanças na antiga Rebouças e atual Sumaré, nos anos seguintes. Apesar de ainda distrito de Campinas, Sumaré já tinha feição própria. Abriam-se os primeiros loteamentos e instalavam-se as primeiras indústrias. Vemos também, ao fim da década de 40 e início dos anos 50, outra transformação que ajudava a legitimar a identidade sumareense: a mudança dos nomes das ruas. O que um dia fora conhecido como a Primeira Tra-

vessa, passaria agora a chamar-se Rua Julia de Vasconcelos Bufarah; e a Segunda Travessa, se tornaria a Rua Antonio Jorge Chebabi.

COINCIDÊNCIA?

A partir de então, Sumaré foi se desenvolvendo, progredindo, crescendo, até que, em 1953, exatos dez anos após a eleição para decidir o novo nome da cidade, o nosso distrito emancipa-se de Campinas. Com uma população de oito mil habitantes e 1504 eleitores, ocorre o plebiscito de emancipação. O resultado desta eleição contou com um total de 694 eleitores, dentre os quais, 644 decidiram que o futuro da cidade seria a independência. Atenção para este número: *seiscientos e quarenta e quatro!* Como vimos acima, na eleição para decidir o novo nome de Rebouças, votaram exatamente a mesma quantidade de eleitores. Seria coincidência que, dez anos depois, o mesmo número de eleitores votaria pela emancipação? Os mesmos interessados em criar a nova identidade municipal, seriam os mesmos a favor da autonomia política? Possivelmente não, mas também, provavelmente a grande maioria desses eleitores eram, sim, os mesmos – ou seus parentes, amigos, conhecidos. Estes seriam os autores preocupados em construir uma cidade própria, independente e única. Hoje, Sumaré tem quase trezentos mil habitantes e cento e sessenta mil eleitores; e seu ininterrupto desenvolvimento durante os anos fora semeado por essas centenas de homens e mulheres que se dispuseram a lutar pela sua cidade em um cenário tão distante do atual. ●



Antonio Daniel do Carmo

CYRTOPODIUM PUNCTATUM (SUMARÉ)



Entre os cipós no serro assim selvagem,
Aparece em tons, linda e deslumbrante,
Uma flor na manhã, com seu semblante,
Ponteados de cores na paisagem.

Contemplando a beleza desta imagem,
O mundo para... Por um breve instante.
Faz com que o homem se torne pequeno ante
A singeleza desta flor na aragem.

Como irradia este tão raro prisma!
Do colorido múltiplo, assim é.
E nunca mais o mundo sofre e cisma.

Tal é a força que acerca nossa fé.
Flor de SIMPLES-CIDADE em seu carisma,
Incrustada na serra: Sumaré. ●



RESISTÊNCIA CULTURAL: TECENDO IDENTIDADES E COSTURANDO PERTENCIMENTOS

As diversas formas de Arte são abstrações, manifestações que retiram elementos de um determinado mundo “concreto”, “real”, para a composição de outra coisa já num outro contexto, a fim de servirem a novos usos, manipulando com a semelhança e criando uma associação com diversos saberes. Cada experiência rememorada é um conjunto de formas e características dadas a pessoas e eventos. O que ocorre no presente só ganha desenvolvimento ou acabamento com a “peneira” que a memória faz. A memória registra para a imaginação criar.

Bauman (2003) diz que a identidade se constrói num processo que não tem fim. E este processo é passível de experiências e modificações. É uma construção contínua ao longo de toda a trajetória de vida de um indivíduo¹. Assim, todo ser humano na grande maioria dos momentos de sua vida terá relações de identidade com um grupo, interferindo direta ou indiretamente na construção dos valores culturais e das atitudes cotidianas dos habitantes deste grupo. Quando uma cidade não valoriza essas culturas, rapidamente se perde a identidade cultural coletiva, criando-se um vácuo no sentimento de pertencimento dos seus cidadãos e cidadãs para com o Município.

Sumaré tem como característica que a grande maioria dos habitantes não tem sua história originária no local em que reside. Alberti (2005) afirma que a memória tem sua importância essencial para um determinado grupo porque está diretamente ligada à construção de sua identidade, sendo o resultado de um esforço de organização e seleção daquilo que é realmente importante para que haja o sentimento de unidade e das experiências².

Este artigo tem como propósito destacar alguns dos vários grupos culturais que persistiram e resistem ao longo do tempo, construindo uma identidade cultural e de pertencimento. Objetivamos demonstrar que Sumaré e os grupos vão resistindo culturalmente, com a experimentação construída ao longo da vida de pessoas de forma multifacetada e pluralista, fundindo-se às suas identidades culturais originárias entre si, formando este dinâmico e resistente “caldo” num caldeirão de Culturas que é Sumaré.

Tratamos da **Capoeira** que engloba: artes marciais, jogo, acrobacias, música, dança, canto e perpetua as Culturas oriundas dos africanos escravizados. Em 26 de novembro de 2014, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) declarou a Roda de Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade³. Anteriormente, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) havia reconhecido a Roda de Capoeira como Patrimônio Cultural Brasileiro, destacando sua importância como símbolo de resistência e valorização da cultura afro-brasileira.

1. BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

2. ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

3. UNESCO Office in Brasília. *Capoeira torna-se patrimônio imaterial da humanidade*. Publicado em: 26 nov. 2014. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/capoeira_becomes_intangible_cultural_heritage_of_humanity/>. Acesso em: 25 abr. 2019.

Abordamos o **Teatro** que, como conhecemos hoje, nas palavras de Cebulski (2013), teve sua origem na Grécia no século VI a.C., e ao longo do tempo, tem papel histórico na construção da sociedade, não apenas como fonte de entretenimento, mas também como fonte de conhecimento, crítica social, política, liberdade de expressão e autonomia humana⁴.

Outra questão que nos é importante, é a utilização das **Bibliotecas Públicas** como um direito de todo cidadão e de toda cidadã. São instrumentos que protegem o conhecimento adquirido pela humanidade. São espaços culturais, interdisciplinares, com legado de contribuir e ser centros de mobilização cultural e social. Além de locais em que se guardam, conservam, catalogam e se organizam livros, dicionários, enciclopédias, monografias, manuais, documentos, almanaques, atlas, jornais, revistas, mapas, cartazes, manuscritos, fotografias, telas e microfilmes, elas despertam o sentimento de pertencimento e cidadania, perpetuando as histórias, entre tantas, a do próprio município e seus habitantes.

Também abordamos sobre o incentivo à **Poesia**, que é uma das mais antigas formas de arte literária, havendo registro de poesias em hieróglifos no Egito vinte e cinco séculos antes de Cristo, assim como nos fala Doberstein (2010)⁵. A arte da poesia deve ser compreendida como uma alternativa de conhecimento do mundo fora dos parâmetros rígidos da comunicação. Ela recria o mundo, transmitindo saberes, emoções, sentimentos. A poesia também é um meio privilegiado para despertar o amor pela língua materna. O Dia Nacional da Poesia é celebrado, anualmente, no dia 31 de outubro, em homenagem à data de nascimento de Carlos Drummond de Andrade.

Os relatos descritos logo a seguir foram construídos através de entrevistas com as lideranças de cada um dos grupos culturais. São histórias de resistência. São histórias que necessitam ser conhecidas, valorizadas e servir de exemplo de como a Cultura é necessária para o fazimento de identidades e o enraizamento dos pertenceres. Sem o qual não há cidadania. Sem o qual não há cidade humanizada.

4. CEBULSKI, Márcia Cristina. *Introdução à história do teatro no ocidente dos gregos aos nossos dias*. Curitiba: Unicentro, 2013.

5. DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. *O Egito Antigo*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

Assim, todo ser humano na grande maioria dos momentos de sua vida terá relações de identidade com um grupo, interferindo direta ou indiretamente na construção dos valores culturais e das atitudes cotidianas dos habitantes deste grupo. Quando uma cidade não valoriza essas culturas, rapidamente se perde a identidade cultural coletiva, criando-se um vácuo no sentimento de pertencimento dos seus cidadãos e cidadãs para com o Município.

GRUPO DE CAPOEIRA BERIMBAU DE OURO:

... Na corda bamba da vida. Quem joga é equilibrista, é poeta e filósofo, e também um grande artista. É chamado capoeira ou mesmo capoeirista. E por esse Brasil afora ao longo de toda história, muitos mestres são destaque. Fazem parte da memória por levarem a capoeira a conquistar a sua glória... (DINIZ, Francisco. Capoeira, a luta de um povo).





Fundado pelo Mestre Nilson Luiz Batista, migrante da cidade de Sobradinho-DF. Mestre Nilson havia iniciado seu aprendizado ainda muito jovem aos oito anos de idade. Quando aqui chegou, em 1980, aos dezessete anos de idade, começou a procurar um local para prosseguir na prática. Logo de início, encontrou o primeiro obstáculo: não havia Capoeira em Sumaré. Teve que se deslocar para Campinas. Aí encontrou seu segundo obstáculo: todos os lugares que visitou, a técnica e o estilo praticados eram diferentes dos quais estava acostumado. Mas, nada disso o fez desanimar, aos poucos foi se adaptando, interagindo e se desenvolvendo tecnicamente. O que o motivou a iniciar um trabalho em Sumaré.

O primeiro passo foi encontrar alunos e local para os treinos. O começo foi no fundo de sua casa, onde havia um pequeno espaço gramado. No dia 18 de maio de 1980, com uma turma de cerca de 20 alunos, sentiu que poderia avançar em seu projeto e divulgar a Capoeira. Nesse dia, oficialmente, surgia o Grupo Berimbau de Ouro. A princípio, alugou um salão na Av. Sete de Setembro, mas rapidamente teve que se mudar, pois o espaço estava pequeno e foi para a Av. Rebouças,

mudando-se depois de algum tempo para próximo ao Fórum.

Em 1985, durante a participação em um evento em Brasília, teve a grata honra de ser graduado, tornando-se Mestre pelo renomado capoeirista e também Mestre, Alcides de Lima.

Com o passar dos anos, enfrentou muitas dificuldades, como por exemplo, a quantidade de alunos de tempos em tempos oscilava, dificultando o pagamento do aluguel. Foi quando buscou parcerias com entidades públicas e privadas, espaços em escolas, clubes, academias, e quando não encontrava apoio, fazia as rodas de capoeira em vias públicas e praças.

Em 2000, já com vinte anos de existência e difusão da Capoeira em Sumaré, o grupo fixou-se em um salão na Rua Antônio do Valle Melo, próximo à Av. José Mancini.

No início de 2002, Mestre Nilson foi para Portugal e lá conheceu uma jovem portuguesa por quem se apaixonou. Em 12 de setembro do mesmo ano, mudou-se para Lisboa para se casar, fixar residência e promover o seu legado cultural, dando origem ao Grupo de Capoeira Lisboa. É nesse momento decisivo que entram em cena duas pessoas fundamentais para a continuidade do Grupo Berimbau de Ouro, os

então alunos, Pedro Luiz Romão e Vagner Alves dos Santos.

Outra data significativa para o grupo foi o dia 29 de agosto de 2010, quando houve a comemoração de trinta anos. Mestre Nilson veio de Portugal para prestigiar a festa e os graduou com a corda vermelha. Depois de muitas dificuldades, chegando até mesmo a ficar sem local para os treinos, o Grupo de Capoeira Berimbau de Ouro, atualmente, efetua os treinos na AABB (Associação Atlética do Banco do Brasil), numa parceria que deu muito certo.

O Berimbau de Ouro não se restringe somente aos treinos. O grupo participa de vários eventos na comunidade como: Dia da Consciência Negra, Festa do Flash Back, Projeto Vivências e outros.

Além de Sumaré, o grupo atua em Nova Odessa, Hortolândia, Distrito de Sousas-Campinas e Lisboa-Portugal, tendo seus Mestres atuantes: Mestre Pequeno, Mestre Pedro, Mestre Vagner, Mestre Tonho, Mestre Paulão e o fundador, Mestre Nilson.

Em 2020, o grupo completará quarenta anos de existência, de muitas histórias e resistência, características típicas da própria Capoeira e do povo sumareense.

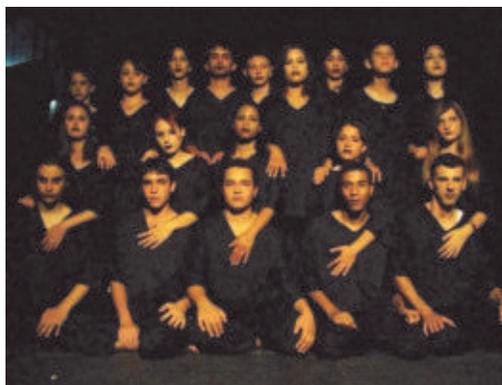
CIA. TEATRAL MAKTUB:

Não faço teatro para o povo, mas faço teatro em favor do povo. Faço teatro para incomodar os que estão sossegados. Só para isso faço teatro (Plínio Marcos, Em favor do povo).

Tudo começou a partir de um grupo de pesquisas artísticas. Depois, se tornou oficina de iniciação teatral até chegar à Companhia Teatral Maktub. Fundada, oficialmente, no dia 27 de março de 1998 pelo diretor e ator Moisés Donizete Ribeiro, mais conhecido como Moisés Allon. Era funcionário público concursado pela prefeitura municipal de Sumaré e trabalhava como instrutor de curso profissionalizante. Formado pelo Magistério, havia trabalhado como professor na Escola Municipal José de Anchieta. Amava o teatro e se dedicava ao estímulo das artes cênicas. Faleceu em março de 2009, aos quarenta e quatro anos.

Pelas pesquisas que realizamos, a Cia. Teatral Maktub é a mais antiga de Sumaré em atividade. Tem em seu currículo dezenas de peças apresentadas. Como destaque, a primeira montagem em 1998: “Luar em qualquer cidade”, fala sobre a vida e a obra do escritor e poeta Carlos Drummond de Andrade. A peça permaneceu em cartaz por quase dez anos, sendo apresentada em todas as regiões do Estado de São Paulo, recebendo vários prêmios. Um dos principais objetivos da companhia, além da divulgação da arte, é dar oportunidade a pessoas que desejam fazer teatro, mas que nunca tiveram meios de acesso. Em mais de duas décadas, a companhia recebeu o reconhecimento por onde se apresentaram, colecionando vários prêmios, entre eles:

- Festival de Teatro Amador da FECAMTA - 1998 - Prêmio de estímulo ao trabalho de Grupo e Pesquisa e Prêmio de melhor ator coadjuvante para Felipe Noronha, com o espetáculo “Luar em Qualquer Cidade”;
- Festival de Peças Curtas FECAMTA – 1999 - Prêmio de 2º melhor espetáculo com a peça “Sem Novidades”;
- Mapa Cultural Paulista Jundiaí - 1999 - Prêmio Especial do Júri com a peça “Teatro Ação Social”;
- Festival Municipal de Teatro Amador – 2000 - Prêmio de Melhor espetáculo com a peça “Luar em qualquer cidade”; Prêmio de melhor ator para Breno Sanches; Prêmio de melhor atriz coadjuvante para Mayra Gorete; Prêmios de melhor Direção, iluminação, coreografia e sonoplastia para Moisés Allon;



- 15º Festival de Teatro de Marília - 2000 - Prêmio Especial do Júri e Destaque Teatral para Mayra Gorete, Ricardo Miranda e Wladia Salles, com o espetáculo “Lugar em Qualquer Cidade”;
- V Festival de Teatro do Trabalhador de São Paulo – 2001 - Prêmio de 2º melhor espetáculo com a peça “Luar em qualquer cidade”; Prêmio de melhor iluminação para Moisés Allon; Prêmio de melhor texto original para Edelson Soler; Prêmio Especial de Atuação coletiva;
- 28º Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo (FETAESP) - 2001 - Prêmio de 3º lugar de melhor espetáculo com a peça “Luar em qualquer Cidade”; Prêmio de melhor atriz coadjuvante para Mayra Gorete;
- Festival de Peças Curtas da FECAMTA – 2007 - Prêmio de 3º melhor espetáculo infantil com a peça “O grilo e o vagalume”; Prêmio de melhor atriz para Fabricia Paz; Prêmio de melhor ator coadjuvante para Vagner Piassi, com o espetáculo “Uma Lição Longe Demais”

Nos últimos anos, o foco tem sido em projetos voltados às escolas, exemplo disso foi a peça “Na escuridão do meu quarto”, que abordou a temática do bullying. No momento, a Companhia está preparando o espetáculo “188”, que trata sobre a depressão na adolescência.

Além dos espetáculos, a Cia Teatral Maktub leva para as escolas um sarau cultural, com teatro, música, dança, artes plásticas, contos e poesias, com abordagem direcionada para crianças, adolescentes e jovens. A direção da Cia. Teatral Maktub atualmente está na responsabilidade do ator e professor Noilson Pereira, que é integrante do grupo desde 2002. Para ele, o Maktub é muito mais que uma companhia teatral, é um legado histórico de todos os integrantes e colaboradores que participaram ao longo desses vinte e um anos.

Infelizmente, por falta de inves-

timentos a companhia sofre para produzir os espetáculos e também para manter seus integrantes, visto que, por inúmeras vezes, são obrigados a se desligarem devido a questões financeiras. Na maioria das vezes, os próprios integrantes custeiam a produção dos espetáculos, com a esperança de novos tempos de valorização à Cultura e à Arte em nossa cidade.

Várias pessoas já passaram pela companhia ao longo dos anos e atualmente fazem parte do elenco Ana Ribeiro, Gabryela Souza, Gustavo André, Mariane Nascimento, Ney Neves, Tota Câmara e Valter Marceau.

A trupe sumareense vem de um histórico de lutas e glórias. Contudo, o que fica registrado no coração de cada integrante e espectador, é que “o show tem que continuar”. Mesmo em meio às dificuldades, a esperança é renovada a cada novo espetáculo.

SOCIEDADE AMIGOS DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE SUMARÉ:

Sim, trata-se de um lugar sagrado e augusto, no qual só se entra de beca e boné. Quando a leitura termina, é aconselhável refletir e meditar, passeando devagar ao longo da galeria coberta que rodeia a biblioteca (Jean Bonnerot, La Sobornne).

Idealizada pela bibliotecária, Terezinha Ongaro Monteiro de Barros, a SABMS iniciou, oficialmente, suas atividades em 22 de abril de 1986, declarada Sociedade de Utilidade Pública pelo decreto municipal nº 4694, de 28 de fevereiro de 1992.

A SABMS é uma sociedade sem

fins lucrativos, que surgiu do desejo de incentivar todos os munícipes de Sumaré ao hábito da leitura e pela necessidade de buscar recursos para a manutenção das bibliotecas municipais por meio de incentivos fiscais e da sociedade civil.

Além de apoiar e divulgar os serviços oferecidos pelas bibliotecas municipais, a Sociedade Amigos da Biblioteca Pública Municipal desenvolve seus próprios projetos e ações, entre os quais, facilita e democratiza o acesso, levando de forma itinerante a vários pontos da cidade livros para doação para toda população. Entre essas ações e projetos mais recentes destacamos:

- Projeto “Amigos da Leitura”: Criado em 2010, o projeto tem parceria com a Rede de Bibliotecas Públicas de Sumaré, e sua proposta é arrecadar livros, revistas, jornais para oferecer aos leitores das bibliotecas municipais e comunitárias;

- Projeto “Amigos da Reciclagem”: criado também em 2010, juntamente com a Rede de Bibliotecas Públicas de Sumaré, o objetivo é dar destino adequado a todo material bibliográfico (livros, jornais, revistas, papelão) doado nas bibliotecas municipais, e que não possuem condições adequadas de uso pelos leitores. O projeto está sincronizado com a política de ações de doação e descarte da Rede Pública;

- Projeto “Adote um livro e compartilhe um mundo de conhecimento”: iniciado em 2012 com o objetivo de difundir e distribuir livros nas praças e em eventos promovidos por entidades e ações sociais, com destaque ao ponto fixo de doação cedido pela Associação Pró-Memória de Sumaré.



Ao longo de sua trajetória, a SABMS contou com o trabalho de vários voluntários, tanto na execução das atividades e ações, como na composição da gestão através da sua Diretoria, além do apoio de instituições, empresas e grupos. Hoje, a SABMS encontra no apoio dos voluntários forças para driblar as dificuldades financeiras. Atualmente o presidente e representante legal é Carlos Eduardo de Lima Santos, o Cadu, e a diretoria é composta por: Luiz Antônio da Silva (vice-presidente); Wesley da Silva de Oliveira (1º conselheiro fiscal); Gutemberg Portella (2º conselheiro fiscal); Maria Helena Prates (3º conselheira fiscal); Wellington Correia de Oliveira (Tesoureiro); Rosângela de Cássia de Jesus Lopes (Secretária); Antonio Daniel do Carmo (1º Suplente); Sueli Maria Avelar Soares (2º Suplente).

O incentivo literário valoriza a Cultura, abrindo novos horizontes, transforma o leitor e a leitora, dignificando e valorizando a condição humana.

GRUPO LITERÁRIO RENASCENÇA:

E tu, Poesia, antes tão desventuradamente tímida, foste na frente e todos se acostumaram ao teu traje de estrela cotidiana, porque mesmo se algum relâmpago delatou tua família, cumpriste tua tarefa, teu passo entre os passos dos homens (Pablo Neruda, Ode à poesia).

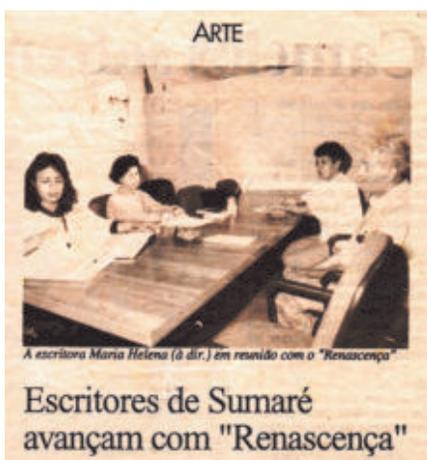
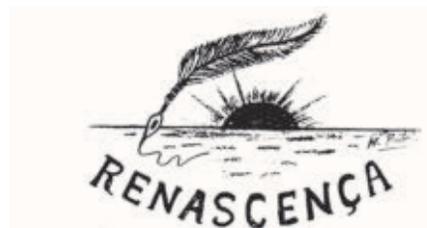
O Renascença teve início em 1993, remanescente de outro grupo literário, chamado Clube Literário de Sumaré, que se extinguiu quando o antigo presidente se mudou para São Paulo devido aos estudos. Os remanescentes decidiram prosseguir com as atividades literárias, dando origem ao Renascença. Fundado por: Maria Helena Prates, Orestes Bellintane, Maria Aparecida Gomes, Leonor Meneguella, Michelle Batte, Regina Julião, Nair Piccoloto e Luis Carlos Gonçalves.

O Renascença prosseguiu seus trabalhos, efetuando várias atividades literárias em Sumaré, destacando-se dois recitais. O primeiro Recital, denominado de “Primeira Noite Poética do Renascença”, chegou a ser televisionado pela TV Regional de Americana, à época apresentado pela radialista Sandra Custódio. O

segundo Recital foi dirigido pelo diretor de teatro Walter Paiva.

Além disso, houve apresentações ou em forma de Saraus ou se utilizando do “Varal da Poesia”, intervenção artística em que se coloca um varal com trabalhos literários de vários artistas de Sumaré e região. Muitas poesias, fotos e cartazes enfeitavam o “varal” despertando a curiosidade e levando poesia e beleza a todos que passavam pela praça. O então grupo teatral juvenil da escola municipal José de Anchieta “Pé de Moleque” colaborava com o Renascença, interpretando e declamando poesias e textos literários. O “Carrossel de Cultura” também participava dos eventos. Atualmente dois integrantes do Carrossel Cultural seguem no Renascença: a fundadora Maria Helena Prates e o poeta Antonio Daniel do Carmo.

Com a dificuldade de conseguir apoio financeiro público, o Renascença sempre contou com o desprendimento dos próprios integrantes, que se empenhavam em executar os recitais e intervenções literárias e com o custeio das atividades com os próprios recursos financeiros, porém jamais deixando de levar adiante seu objetivo: a produção e incentivo de poesias e textos literários, para estímulo e valorização dos escritores e poetas de Sumaré. ●





SUMARÉ E SEUS ATRATIVOS TURÍSTICOS

Sumaré cresceu muito nos últimos anos, mas preserva algumas características aconchegantes, como praças públicas arborizadas, locais para caminhadas e espaços de convivência. Possui diversos espaços que recebem visitantes da região. E podemos dizer que existe turismo em Sumaré, porque recebemos visitantes aqui.

Temos vários tipos de turismo: rural, pedagógico, pesca, de lazer, de negócios, religioso, de eventos, histórico e gastronômico.

O **turismo rural e pedagógico** no município é um segmento que exhibe áreas de rara beleza, mobilizando empresas, alunos e visitantes em conhecer inúmeras culturas agrícolas desenvolvidas aqui. Os Assentamentos Rurais são modelos no Brasil, e o primeiro assentamento do país foi o **Assentamento I** de Sumaré.

Existem três **Assentamentos Rurais**. Eles são objeto de frequentes visitas e pesquisas por parte de universitários da região, do estado e até de fora do país. Com apoio científico de universidades, desenvolveram técnicas de plantio de frutas e hortaliças e aproveitam de resíduos vegetais para confecção de peças de artesanato, feitos com Fibra da Bananeira; No



Assentamento I - Horta

E podemos dizer que existe turismo em Sumaré, porque recebemos visitantes aqui. Temos vários tipos de turismo: rural, pedagógico, pesca, de lazer, de negócios, religioso, de eventos, histórico e gastronômico.

Assentamento I acontece, anualmente, a Festa da Mandioca, que já está na 22ª Edição e atrai aproximadamente 10.000 pessoas.

Outro lugar de indizível prazer é a **Fazenda Vaughan** que também é um local de retiro religioso e de descanso e retrata a vida na fazenda, voltada também para o **turismo pedagógico e histórico** (e faz parte também da Imigração Americana na região).

No **turismo de pesca** podemos citar os **12 pesqueiros** ao longo das principais vias de acesso ao Município, com infraestrutura aos visitantes e porções suculentas de peixes frescos, alguns recebem por



Pesqueiro Ademar



Horto Florestal

volta de 3.000 pessoas no final de semana.

Outros importantes locais de visitação que representam o **turismo de lazer** são: o **Horto Florestal**, área de preservação ambiental, com espaços para caminhadas e conhecimento de espécies nativas e a **Represa Marcelo Pedroni**, que possui espaços de lazer, para shows, área de churrasqueiras, parquinho infantil, e a pesca é liberada em algumas épocas do ano. O **Orquidário Municipal** possui uma estufa de 890 m² e muitas

espécies de orquídeas para exposição, dentre elas está a “Orquídea Sumaré” que é cientificamente conhecida como *Cyrtopodium Punctatum*, que foi simbolicamente plantada logo na entrada.

O **Recanto dos Animais Henrique Pedroni** é um espaço ambiental de **turismo pedagógico e lazer** com área para realização de atividades de Educação Ambiental com animais domésticos como ovelhas, galinhas, patos, coelhos, pôneis e outros.

A **Praça do Cristo Redentor** proporciona uma vista panorâmica de toda área central e é um mirante do município.

O **Doces e Bebidas Terra** é uma das maiores fábricas de doces e bebidas da Região Metropolitana de Campinas (RMC) e representa o **turismo de compra**. São mais de 40 tipos de doces e bebidas, que são produzidos no local. A loja é caracterizada com objetos antigos, em toda sua extensão. Parece um museu de antiguidades. Recebem escolas pela grandiosidade de sua produção. Dentro do segmento de **turismo**



Estância Arvore da Vida



SanVille Hall

religioso e de eventos, temos a **Estância Arvore da Vida** que é considerado um dos maiores centros de convenções da América do Sul em recinto fechado com ar-condicionado, com área construída de 12.000 metros quadrados, vários auditórios, um deles para 10.000 pessoas sentadas, infraestrutura de hospedagem, parques, jardins e lagos reservados para recreação, lazer e convivência social e é capacitado para servir 5.000 refeições por hora. O local recebe aproximadamente 200.000 pessoas por ano. No **turismo de eventos** devemos lembrar relevância do **Expo Águas** que é um dos maiores Centros de Entretenimento da Região onde conta com mais de 100.000 m² de espaço total, estacionamento para 7.000 carros, com área coberta de 6.000 m² para shows e eventos, e sedia eventos como Rodeio, e muitos outros.

Neste segmento de **eventos** recentemente foi inaugurado um espaço único em Sumaré e Região, o **SanVille Hall**, um espaço completo para todo tipo de evento, sofisticado, e cada área possui estrutura completa, e comporta diferentes eventos ao mesmo tempo, possui divisórias moduladas de diversos tamanhos.

No segmento do turismo histórico, a cidade possui espaços ligados à sua fundação, como a Estação Ferroviária e a Sub-Estação de Energia da Cia Paulista de Estradas de Ferro, que hoje estão tombados pelo Patrimônio Histórico.

Na área de **eventos** é importante lembrar do **Fildi Hotel & Eventos** que possui espaço para abrigar eventos grandes e pequenos no formato que desejar. Alia modernidade e flexibilidade em seus espaços, com divisórias retráteis e proteção acústica.

No segmento do **turismo histórico**, a cidade possui espaços ligados à sua fundação, como a **Estação Ferroviária** e a **Sub-Estação de Energia** da Cia Paulista de Estradas de Ferro, que hoje estão tombados pelo Patrimônio Histórico.

Ainda no **turismo histórico** não podemos esquecer do **Centro de Memória Thomaz Didona** que é um prédio que foi construído em 1913, que inicialmente funcionava a Prefeitura Municipal de Sumaré e hoje abriga a Associação Pró-Memória de Sumaré e que está aberta para mostrar aos visitantes a história do município, através de mais de 250.000 itens digitalizados à disposição. Na região do Matão, a **Capela Bom Jesus** foi inaugurada em 1917, somente é utilizada para a realização de missas, pertencente à arquidiocese de Campinas. É hoje a igreja mais antiga de Sumaré. A **Igreja Matriz de Sant'Ana** localizada na região central, inaugurada em 1950 e desenhada pelo arquiteto

que projetou a Basílica Nacional de Aparecida, em Aparecida do Norte – SP.

O **Casarão Sertãozinho** é a casa mais antiga e preservada do município, foi restaurada e foi sede de uma fazenda de escravos no século passado.

Um dos estabelecimentos mais interessantes é a Primeira Delegacia de Polícia de Sumaré, que abriga hoje a **Secretaria do Trabalho, Emprego, Geração de Renda e Desenvolvimento Econômico**.

Foi reformada em 2016, onde as salas são temáticas com painéis fotográficos e históricos do município. Esta secretaria é gestora dos Departamentos de Agricultura e Turismo e funciona como Posto de Informações Turísticas e Coordena a **Feira de Artesanato** de Sumaré, abriga o Departamento do **Trabalho e Emprego** que gerencia o “É pra Já” localizado em Nova Veneza, e o Departamento de **Indústria e Comércio** que auxilia as grandes empresas do município através da Lei de Incentivos Fiscais. Ainda no segmento do **turismo histórico** o **Centro Administrativo de Nova Veneza**, que abriga diversas Secretarias da Prefeitura como Educação, RH, Serviços Públicos, Inclusão Social, Saúde entre outros departamentos. Neste local, já funcionou o Seminário de Padres Capuchinhos, que depois o prédio foi doado para a Prefeitura.

Ressaltamos, também, o **turismo de negócios**, porque recebe diariamente inúmeros empresários e funcionários, de toda parte do país, para trabalhar e fazer cursos nas empresas nacionais e multinacionais instaladas no município. E assim sendo, utilizam a estrutura

de **Hotéis e Restaurantes**, que a cidade oferece, movimentando o **turismo gastronômico**. Sumaré possui 6 hotéis que são conhecidos na região, que são Fildi Hotel & Eventos, Hotel Marfim I e II, Hotel Jaguar, Hotel Menegon e Hotel Tangará, onde a taxa de ocupação durante a semana é de 90 a 100%, o que é movimentado pelo turismo de negócios.

Em março deste ano foi realizada uma pesquisa de demanda turística, nos municípios que fazem parte da **Região Turística Bem Viver**, onde fazem parte os municípios Americana, Campinas, Elias Fausto, Hortolândia, Nova Odessa, Santa Barbara D'Oeste e Sumaré, e nesta pesquisa foi notado que segmento que mais representa os visitantes da RMC para todos esses municípios é o do **turismo de negócios**.

Dentro de todas as atrações, uma que movimenta o município é a **Feira de Artesanato de Sumaré**, que acontece todos segundos e terceiros sábados, na Praça Manoel de Vasconcelos, das 9 às 13 horas. Esta feira já tem 4 anos e possui barracas de artesanatos, de alimentação e plantas diversas.

Todo município recebe visitantes e Sumaré é prestigiado por todos esses segmentos mencionados. Vale lembrar que, para qualquer visita, sempre é bom confirmar a disposição de funcionamento e estrutura do local desejado e agendar seu horário para que seu passeio seja um sucesso.

A Secretaria de Desenvolvimento Econômico, é responsável para passar as informações do turismo aos visitantes, sendo o Posto de Informações Turísticas do Município. O atual Secretário do Desenvolvimento Econômico é o Sr. Claudio Padovani. ●

ATRATIVOS TURÍSTICOS DE SUMARÉ	ENDEREÇO	TELEFONE
Assentamento I (<i>Turismo rural, pedagógico e eventos</i>)	Estrada Taquara Branca, km 1,5 - Horto Florestal	19 9.8416-1751
Assentamento II (<i>Turismo rural e pedagógico</i>)	Estrada Municipal Teodor Condiev, Km 2,5 - Horto Florestal	19 9.9643-6023
Capela Bom Jesus (<i>Turismo histórico</i>)	Av. Emílio Bosco, 388 - Jardim Morumbi - Região Matão	19 3864-0938
Centro Administrativo de Nova Veneza (<i>Turismo histórico</i>)	Av. Brasil, 1.111 - Jd. Conceição	3399-5700
Centro de Memória Thomaz Didona (<i>Turismo histórico</i>)	Praça da República, 102 - Centro	19 3803-3016
Doces e Bebidas Terra (<i>Turismo de compras</i>)	Rua Isaltina Orlandini Terra, 301 - Chácaras Reunidas Terra	19 9.8722-1285
Estação Ferroviária e a Sub-Estação de Energia (<i>Turismo histórico</i>)	Rua Bandeirantes, s/n - Centro	19 3873-1566
Estância Arvore da Vida (<i>Turismo de eventos</i>)	Estrada Granja Portão Pesado s/n - Cx Postal 134	19 3116-9287
Expo Águas (<i>Turismo de eventos</i>)	Rua Ângelo Ongaro, 1700 Parque Res.Casarão	19 3873-2361
Fazenda Vaughan (<i>Turismo rural e histórico</i>)	Rua da Represa, s/n - Bairro Sertãozinho - Centro	19 9.9946-4327
Horto Florestal (<i>Turismo ecológico e lazer</i>)	Estrada Municipal Teodor Cundiev - Horto Florestal	19 3903-2431 (Secretaria Meio Ambiente)
Igreja Matriz de Sant'Ana (<i>Turismo histórico</i>)	Praça da República, esquina com Rua Dom Barreto - Centro	19 3873-1116
Orquidário Municipal (<i>Turismo de lazer</i>)	Av. Eugênia Biancalana Duarte, nº 200, Jardim Primavera	19 3903-2431 (Secretaria Meio Ambiente)
Pesqueiro Ademar (<i>Turismo de pesca</i>)	Estr.Mun.Pedrina Guilherme, 109 - Taquara Branca - Sítio Tanquinho	19 9.9103-2472
Pesqueiro Anzol de Ouro (<i>Turismo de pesca</i>)	Rod. Virginia Viel Campo Dall'Orto, km 1,5 - Sítio N. Sra. Aparecida	19 9.9213-5294
Pesqueiro Cachenguinho (<i>Turismo de pesca</i>)	Estrada Mun. Norma Marson Biondo, km 6 - Sítio Sta. Irene - Bairro Cruzeiro	19 9.7153-4579
Pesqueiro Caipira (<i>Turismo de pesca</i>)	Rua Joaquim Ignácio Valente, s/n - Bairro Bela Vista	19 9.9207-1765
Pesqueiro Céu Azul (<i>Turismo de pesca</i>)	Av. Leonardo Antonio Schiavinatto, 1- Jd. Fantinatti - Matão	19 3922-8737
Pesqueiro Kachengo (<i>Turismo de pesca</i>)	Estrada Mun. Norma Marson Biondo, km 6 - Fazenda Sta. Irene - Bairro Cruzeiro	19 9.9859-5706 9.9654-2450
Pesqueiro Paraíso (<i>Turismo de pesca</i>)	Rua Manoel Antônio de Almeida, s/n - Parque Casarão	19 2219-1376 9.8253-2217
Pesqueiro Ponte Funda (<i>Turismo de pesca</i>)	Estrada Norma Marson Biondo - km 3,5 - Bairro Cruzeiro	19 3873-6320 9.9722-2187
Pesqueiro Sabiá (<i>Turismo de pesca</i>)	Rua Recanto Glória, s/n - Estrada Sumaré Monte-Mor - Bairro Cruzeiro	19 9.9705-4073 9.9850-1260
Pesqueiro Vila dos Peixes (<i>Turismo de pesca</i>)	Estrada Angelo Furian, s/n - km 2,5	19 9.9647-8777 9.9876-3783
Pesqueiro do Zuca (<i>Turismo de pesca</i>)	Rua Manoel Antonio de Almeida, s/n - Parque Casarão	19 9.9257-8359
Praça do Cristo Redentor (<i>Turismo de lazer</i>)	Localiza-se entre Rua Plínio Giometi e Rua Rafael Rossi, Jd. Luis Cia	
Recanto dos Animais (<i>Turismo pedagógico</i>)	Rua Alcina Raposeiro Yansen, nº 651 - Parque Franceschini	19 3903-2431 (Secretaria Meio Ambiente)
Represa Marcelo Pedroni (<i>Turismo de lazer</i>)	Rua da Represa Marcelo Pedroni, s/nº	19 3903-2431 (Secretaria Meio Ambiente)
SanVile Hall (<i>Turismo eventos</i>)	Rua Angelo Ongaro, 1483 - Vila Menuzzo	19 3873-9558
Secretaria do Trabalho, Emprego, Geração de Renda e Desenvolvimento Econômico (<i>Turismo histórico</i>) Posto de Informações Turísticas	Praça da República, 203 - Centro	19 3903-4231 3903-4224



UMA ESCOLA INOVADORA E FUTURISTA

1. HISTÓRICO

Em pleno século XXI, com tantos direitos e poucos deveres, sob a ótica do cidadão, relataremos a seguir uma experiência pedagógica de grande sucesso, que, nos meados do século XX, por volta da década de 1970, aconteceu em nossa cidade, com possibilidades de construir uma grande história no âmbito social e educacional: uma escola diferenciada e inovadora e futurista, que poderia ter revolucionado o ponto de vista e o conceito de Escola.

Em 05/06/1970, é fundada a Pia Sociedade dos Patrulheiros Mirins de Sumaré com o Departamento CAMPS (Círculo de Amigos do menor Patrulheiro de Sumaré) e em 29/12/1970 é criado o departamento EIAI-S (Escola de Iniciação Agro-Industrial de Sumaré), com sede no Horto Florestal da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, depois Ferrovias Paulistas S/A- FEPASA. Assim sendo, a partir de 08/11/1972, a entidade passou a se denominar Instituto de Promoção do Menor de Sumaré (IPMS) com dois departamentos CAMP e EIAI.



2. A ESCOLA

A Escola de Iniciação Agro-Industrial de Sumaré nasceu em 29/12/1970 por iniciativa do, então, Juiz de Menores de Sumaré, Dr. José Geraldo Barreto Fonseca e do Promotor Público Dr. José Carlos Vieira. Ambos já haviam tido experiência, nesse sentido, em outras localidades de nosso estado. Os idealizadores do projeto objetivavam amparar economicamente as crianças e adolescentes que, em tese, andavam desocupados pela cidade, procurando contribuir com a promoção social dos mesmos e seus familiares.

Idealizavam, também, que os alu-

nos focassem o interesse pela agricultura, avicultura, bovinocultura, produção de flores e mudas de café e eucaliptos, aprimorando a mão de obra no campo, melhores condições desses trabalhadores, possibilitando o barateamento do custo de vida, melhores salários e valorização do trabalhador rural.

Os primeiros professores da Escola foram Maria Teresa Corder e Maria Elisabete Franco, que se responsabilizavam no ensino aprendizagem das disciplinas básicas do currículo oficial da educação estadual.

Assim, as atividades se iniciaram com 62 alunos na faixa etária dos 8 aos 14 anos.



3. OS PIONEIROS

Para início dos trabalhos, em 1971, participaram do processo: Professoras: Maria Teresa Corder com o 4º ano e Maria Elisabete Franco com o 3º ano

- Coordenadora: Diva Divina Prozillo/ Zita Josefá Banwart
- Enfermagem: Terezinha Aparecida Umeo Sabadin
- Orientação e organização: Onivaldo de Assis Barato, Guarda Municipal. Um mediador.
- Cozinha: o mestre cuca Sr. Natal
- Agricultura: Tomaz Didona e Dr. Décio Borges, engenheiro agrônomo da Casa da Agricultura
- Saúde Física e Mental: Dr. Márcio Consulin
- Orientação espiritual: Pe. Constantino Gardinalli
- Parceiros: Prefeitura Municipal de Sumaré, Auto Viação Ouro Verde e Secretaria Estadual de Educação, além dos Clubes de Serviço.

4. A ROTINA DIÁRIA

Diante da proposta dos idealizadores, a Escola deveria atender os menores em tempo integral e assim se fez. As atividades se iniciavam às 7 horas e findavam às 17 horas.

Pela manhã, os menores dos 1º e 2ºs anos, após os lanches da manhã, iam para as atividades de orientação profissional. Após as atividades no campo (horta, suinocultura, fruticultura e pecuária), os menores iam para a recreação. Em seguida, banho e realização da lição de casa e reforço escolar.

Por volta das 11:30 horas, almoço para, em seguida, às 13 horas irem para as aulas em sala de aula.

Enquanto tudo isso acontecia, os alunos maiores dos 3ºs e 4ºs anos tinham aulas regulares em sala de aula. Às 11:30, as suas aulas terminavam, saíam e almoçavam junto com os colegas dos 1ºs e 2ºs anos.

Pela tarde, as mesmas ações aconteciam com os maiores dos 3ºs e 4ºs anos.

Antes de irem para o campo, para a realização das atividades práticas, estes alunos realizavam a lição de casa e tinham reforço escolar, sob supervisão da Coordenadora.

Ao final do dia, antes da volta para casa, após o banho dos alunos dos 3º e 4º anos, todos os menores recebiam um lanche reforçado.

5. A PROPOSTA

Com esse projeto, a Diretoria do IPMS se propunha atender integralmente uma parcela de menores da Comunidade que vivia em situação de risco, desamparadas e de lares empobrecidos e destruídos. Dessa maneira, os alunos seriam atendidos na Escola em período integral, tendo como suporte ativo:

a) Aulas regulares de Alfabetização, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Educação Física e Educação Artística em convênio com a rede estadual de ensino.

b) Atividades profissionalizantes com noções de agropecuária, fundamentos de horticultura (terra, adubação, plantio e transplante, combate às pragas, rega, etc), noções de fruticultura e pecuária (bovinocultura, suinocultura, avicultura), culturas básicas de verduras, legumes, frutas, plantas medicinais entre outras.



todos os participantes do processo acreditavam que estavam dando uma oportunidade de ouro àqueles menores, às suas famílias, redirecionando o futuro de cada um. E assim, a vibração positiva daqueles menores diante de todo acolhimento de dedicação dos adultos era o presente maior, a retribuição incontável de alegria ao saberem que o caminho, apesar de duro, estava correto. A pedra preciosa ali estava. Precisava apenas que fosse trabalhada, cinzelada para se transformar em uma joia do mais puro quilate.

e) Atividades de comercialização eram realizadas no balcão da própria escola e também, semanalmente, aos sábados, na feira livre da cidade, onde os alunos podiam comercializar seus produtos que eram de mais alta qualidade, puros, sem agrotóxicos, colhidos no mesmo dia, como alface, repolho, cheiro verde, rúcula, couve, couve-flor, além de ovos oriundos da avicultura.

A carne suína e o leite eram comercializados com parceiros do comércio local.

Há que se ressaltar, antes de transformar os produtos em dinheiro, os alunos se deliciavam com esses produtos, na alimentação diária, no almoço, bem como levavam horta-

lias para casa, para serem consumidas em família.

Assim posto, todos os participantes do processo acreditavam que estavam dando uma oportunidade de ouro àqueles menores, às suas famílias, redirecionando o futuro de cada um.

E assim, a vibração positiva daqueles menores diante de todo acolhimento de dedicação dos adultos era o presente maior, a retribuição incontável de alegria ao saberem que o caminho, apesar de duro, estava correto. A pedra preciosa ali estava. Precisava apenas que fosse trabalhada, cinzelada para se transformar em uma joia do mais puro quilate.

6. FATOS MARCANTES

a) Incentivo à leitura - no fundo de cada sala de aula havia uma estante com gibis, livros de história infantis e revistas que complementavam os conteúdos dados em sala de aula. Os alunos retiravam os volumes e levavam para casa para lerem para os irmãos, para os pais, semanalmente.

b) Canto – diariamente, no início do dia, além da oração, havia por hábito o canto de uma canção que poderia ser aleatória ou alusiva a uma data marcante. No caderno de Canto, constavam também as letras de todos os Hinos Pátrios, que eram entoados conforme as datas. Semanalmente, eram cantados o Hino Nacional Brasileiro e o Hino de Sumaré com a presença da Bandeira Nacional empunhada pelo aluno destaque da semana, pois não havia mastro para hasteá-la.

c) Caligrafia – Havia, também, o caderno de caligrafia que motivava o aluno a desenhar melhor a sua

letra, usado diariamente com um ditado popular ou uma frase alusiva à data.

d) Água para a horta – De onde vinha? Pasmem! De uma nascente no próprio Horto Florestal!

Semanalmente, às segundas-feiras, à tarde, o Sr. Tomaz Didona e mais cinco ou seis alunos adentravam a plantação de eucalipto cheiroso do Horto Florestal, e iam até uma nascente espetacular, para limpá-la e a todo o trajeto da água até chegar à casa grande do Horto, onde morava o Administrador. Dali até a chegada no tanque reservatório, a água era canalizada através de um canal feito de tijolos, passava por baixo da rua e chegava até a horta.

Era uma valorização da nascente tão bem conservada e de pura água potável, cuja filosofia da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, era de manutenção dos recursos hídricos ao longo da ferrovia e em seus hortos florestais.

Todos queriam participar da empreitada, mas somente aqueles que cumpriam bem suas tarefas eram agraciados com o prêmio.

e) Vacinação de suínos - Todos os suínos, desde os cachos, as matrarcas e os filhotes eram vacinados. Esse trabalho era feito pelos alunos maiores e orientados pelo Engenheiro Agrônomo Dr. José Maria Pagotto. Periodicamente, saíam os alunos mais o Dr. Pagotto para fazerem vacinação de suínos nos sítios da área rural e, esporadicamente, em municípios vizinhos para realizarem esse trabalho junto aos produtores rurais.

Era uma experiência e emoção sem tamanho. A responsabilidade era grande e os alunos davam conta.

f) As peladas no campinho. Uma camaradagem. Havia um professor dos alunos dos 3º e 4ºs anos de nome José Antonio, que, semanalmente, de preferência às sextas-feiras, após o recreio, encerrava as atividades de sala de aula e descia com os alunos para o campinho. Era uma farra por dois motivos: primeiro porque todos queriam ficar no time dele e em segundo, que aqueles que ficavam no time adversário, queriam a vitória a qualquer custo. Quando um aluno acertava a canela do professor era o delírio geral.

Geralmente as partidas acabavam empatadas para a satisfação de todos. A decisão era feita nos pênaltis, mas o professor não podia bater pênaltis.

g) As pipas – no mês de agosto, em atenção ao Folclore, além das brincadeiras folclóricas como corrida do saco, campeonato de burquinha (bola de gude), campeonato de pião, campeonato de taco, havia também o campeonato de pipas premiando a pipa de maior tamanho, a mais bonita e a melhor elaborada e aquela que ia mais alto.

Imaginem o que acontecia. As disputas eram acirradas. Aí estava uma habilidade muito bem desenvolvida nesses alunos. A torcida e a gritaria ultrapassavam os limites da disputa.

h) Festas Juninas – Era o conagraçamento dos alunos, professores, família e convidados. Havia casamento caipira, dança da quadrilha, comidas típicas, pipoca, quentão, cachorro-quente. Era uma delícia.

i) Excursões – dezenas delas foram realizadas com a participação de todos os alunos e dos adultos envolvidos no processo. Era uma expectativa muito grande até a chegada do grande dia. Os professores trabalhavam em sala de aula o conteúdo, fazendo com que os alunos ficassem cada vez mais interessados.

Os lanches e demais guloseimas faziam sucesso e alegria dos alunos.

E aproveitavam muito bem todas as viagens.

j) Encerramento do Ano Letivo e chegada do Natal - era outro momento grandemente esperado por todos. Muita comida gostosa, sorteio e distribuição de brindes.

7. OS FRUTOS

Embora, por anos, as dificuldades, a falta de lastro financeiro, os entraves burocráticos, as mudanças legais e tudo o que se pode imaginar de problemas, a EIAl de Sumaré foi um grande sucesso. Comprovou a que veio.

Atualizou-se, modernizou-se, chegou à marca de atender 130 alunos por ano. Atendeu a centenas de famílias, amparou-as através de seus filhos. Encaminhou seus alunos para a vida. Acendeu, em cada um deles, a chama da busca, a virtude de ganhar, de ter sucesso e modificar o status social ao qual estava legado.

Ao final do 4º ano, os alunos, por vontade própria e da família eram encaminhados para o CAMP-S (Círculo de Amigos do Menor Patrulheiro de Sumaré) que após treinamento, eram encaminhados ao mercado de trabalho formal.



Vários alunos procuraram e estudaram em escolas técnicas agrícolas, tornando-se técnicos agrícolas. Acima de tudo, a Escola cumpriu seu papel e o seu propósito. Grande parte dos alunos, quase sua totalidade, transformou suas famílias e modificou seu foco diante da vida. São hoje, pessoas de sucesso. Tiveram suas vidas alicerçadas no trabalho. Formaram suas famílias. Estudaram e extrapolaram os níveis de escolaridade de seus pais. São cidadãos produtivos e do bem.

Vários alunos procuraram e estudaram em escolas técnicas agrícolas, tornando-se técnicos agrícolas. Acima de tudo, a Escola cumpriu seu papel e o seu propósito. Grande parte dos alunos, quase sua totalidade, transformou suas famílias e modificou seu foco diante da vida.

8- CONCLUSÃO

Com a chegada e implementação de novas legislações, em especial o Estatuto da Criança e do Adolescente, as dificuldades aumentaram.

O Governo do Estado, através de sua Secretaria da Educação, sob alegação de que o aluno teria que estudar numa escola mais próxima de sua residência, rompeu o convênio com o IPM-S, encerrando o funcionamento das classes de emergência e isoladas do Horto Florestal da Fepasa, que funcionavam dentro da EIAI.

Foi a gota-d'água para entornar o balde. As dificuldades chegaram ao limite extremo. Sem a parceria da Secretaria de Estado da Educação, não havia como manter a escola viva. Conclusão, a Diretoria do IPMS, em assembleia, decidiu encerrar as atividades da EIAI, em 1996.

Assim, pela insensibilidade e desinteresse dos governos estadual e municipal, a escola foi encerrada. Todo projeto foi abandonado.

E por ironia do destino, hoje, o que mais se fala em Educação, em nível estadual e municipal, é a escola estruturada em tempo integral, coisa

que os mentores da EIAI visualizaram na década de 70 no século XX. ERRO CRASSO, descabido e estrábico o que se fez com EIAI, modelo de qualidade de ensino e encaminhamento do menor para a vida, com um grande diferencial: amparo ao menor que vivia em situação de risco, oferecendo uma formação integral, competente e diferenciada, transformando-o em um cidadão de bem, cumpridor de seus deveres. **UM CIDADÃO DE VALOR.** •

REFERÊNCIAS

- Arquivo histórico do IPMS
- Artigos publicados pelo Correio Popular – Campinas
- Artigos publicados no Jornal de Sumaré -Sumaré
- Acervo da Associação Pró-Memória de Sumaré
- Entrevista com ex-aluno da EIAI - Marcio Eugênio Martins
- Arquivo Histórico da EE Prof. André Rodrigues de Alkmin
- Arquivo vivo da Diretoria de Ensino de Sumaré



Júlio José Campigli

DELEGACIA DE ENSINO DE SUMARÉ

ATUAL DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO – REGIÃO DE SUMARÉ

Em 1976, através do Decreto nº 7.510, foi criada a Delegacia de Ensino de Americana formada pelos municípios de Americana, Santa Bárbara d'Oeste, Nova Odessa e Sumaré (que na época englobava Hortolândia, que era um distrito de Sumaré). Nessa época, as escolas estaduais, municipais e particulares recebiam orientações da Delegacia de Ensino (DE) de Americana.

Havia na DE de Americana, o corpo de supervisores de ensino e, devido à aposentadoria ou afastamentos de alguns supervisores de ensino, cerca de 5 Diretores de Escola do município de Sumaré foram convidados pelo Delegado de Ensino de Americana a ocuparem a vaga destes supervisores. Estes Diretores de Escola foram: Júlio José Campigli (EE Ângelo Campo Dall'Orto), Dilma Galetti Valença Barel (EE Maria Rosa Carolino dos Santos), Magda Aparecida de Oliveira Marques (EE Zoraide Proença Kaysel), Teresinha Pereira Lima (EE Guido Rosolem) e João Paulo Teixeira (EE Parque dos Pinheiros).

Nos meses iniciais do ano de 1986, o vereador Geraldo Costa Camargo procurou o Prof. Júlio José Campigli, solicitando os requisitos necessários para a criação de uma nova Delegacia de Ensino a ser criada no município de Sumaré, no que foi prontamente atendido, encaminhando-os aos órgãos competentes para realizar o pedido.

CRIAÇÃO

Com o Decreto nº 25.000, de 16, publicado no DOE em 17/ 04/ 1986, foi criada a então Delegacia de Ensino de Sumaré, formada pelos municípios de Sumaré e Monte Mor, desmembrando-se, assim, da então DE de Americana.

Foram feitas várias reuniões e levantamentos de todos os documentos das escolas, como também dos professores e funcionários pertencentes a Sumaré, que foram transferidos para a nova Delegacia de Ensino.

FUNDADORES

A criação da então Delegacia de Ensino de Sumaré, foi feita através da criação de um cargo de Delegado de Ensino e de 5 Supervisores de Ensino. Por indicação do então prefeito de Sumaré - Jose Denadai - com a anuência do Secretário Estadual de Educação, foi designada para ser Delegada de Ensino a Profa. Dilma Galetti Valença Barel, e os Supervisores de Ensino: Júlio José Campigli, Teresinha Pereira Lima, Magda Aparecida



de Oliveira Marques, João Paulo Teixeira. Foi convidado a preencher uma vaga de supervisor de ensino, o Prof. Ademar Costa, na época Diretor da EE Manoel Ignácio da Silva, em Hortolândia.

INSTALAÇÃO E CORPO ADMINISTRATIVO

A instalação da DE de Sumaré foi em 31/07/1986, inicialmente, na sala da Direção da EE Prof. André Rodrigues de Alckmin, gentilmente cedida pelo seu Diretor, Prof. Wilson Rodrigues Santarrossa.

Imediatamente a Profa. Dilma, entrou em contato com vários Diretores de Escola de Sumaré para cederem alguns de seus funcionários para administrarem as seções e colocarem em funcionamento a DE. Assim foram convidados: o **Prof. Wilson Rodrigues Santarrossa** para ocupar a vaga de Assistente de Planejamento, a **Delvânia Maria Tanner** para ser encarregada do Setor de Finanças, **Rubens Brandão de Camargo**, como encarregado do Setor de Adiantamento, Maria Rosa Flávio Ceccatto, encarregada do Setor de Vida Escolar, **Ivone Nair Tonin** encarregada do Setor de Expediente e Pessoal de Administração, **Roseli Purcino Ramos** encarregada do Setor de Atividades Complementares e **Francisca Xavier dos Santos**, servente.

MUDANÇAS DE ENDEREÇO

Inicialmente, a Delegacia de Ensino de Sumaré foi instalada na sala da Diretoria da EE Prof. André Rodrigues de Alckmin. Algumas semanas depois da instalação, o Prefeito de Sumaré- José Denadai - alugou um sobrado lo-



Delegacia de Ensino de Sumaré Praça da República - Sala dos Supervisores: Eni, Terezinha, Júlio, Odila, Magda, Cleusa

calizado à Rua Américo Menuzzo, nº 162, e cada encarregado de setor fez a mudança de todo o acervo a ele competente.

Porém, com o constante crescimento da DE – Sumaré, logo o sobrado tornou-se pequeno para o bom atendimento das escolas e novamente o Prefeito José Denadai, alugou outra casa, agora localizada à Praça de República, nº 32, o que ocasionou nova mudança do acervo da DE - Sumaré, no que foi prontamente atendido pelos funcionários de cada setor.

Com o constante crescimento da DE - Sumaré, foi necessária nova mudança, indo para a Rua Antonio do Valle Mello, nº 631, em imóvel também alugado pela Prefeitura Municipal de Sumaré. Neste imóvel, a DE ficou pouco tempo, pois o crescimento era constate e o local ficou bastante acanhado.

Nova mudança de endereço foi necessária, para a Praça da República, nº 72, onde funcionavam as Escolas municipais: José de Anchieta e Leandro Franceschini que mudaram para o novo prédio municipal.

1º GRUPO DE CONCURSADOS EFETIVOS - SUPERVISORES E FUNCIONÁRIOS

Em 30/10/1986, houve a posse de novos Supervisores de Ensino aprovados no concurso público promovido pela Secretaria Estadual de Educação, e os primeiros Supervisores efetivos concursados foram: Dilma Galeti Valença Barel (Delegada de Ensino), Júlio José Campigli, Teresinha Pereira Lima, Eny Carvalho de Andrade, Benedita Faria Stephan e Mercedes Aparecida Kapp Franzini.

Também em dezembro de 1986, tomaram posse os primeiros escriturários concursados pela SE Educação, e estes foram: Lúcia Maria de Souza, Maria Antonia Burim, Ivonete Matos Vaz Coutinho, Digilze Aparecida de Souza, Teresinha da Silva Quinette, Zilda Rodrigues, Maria Cristina Bueno e Aparecida Damaris Luciani, que vieram somar ao pessoal encarregado dos setores.

BUSCA PELA SEDE PRÓPRIA

Alguns fatos educacionais ocorreram e provocaram a sensação de ter uma sede própria pertencente à rede estadual. Estes fatos foram:

1 - A EE Dom Jayme de Barros Câmara foi por muitos anos a única escola estadual de ensino do então 2º grau, para onde vinham os alunos de todas as partes do município, em ônibus de linha ou fretados. Principalmente no período noturno, a Av. José Mancini ficava abarrotada de ônibus para levarem de volta os estudantes para suas casas e era uma verdadeira correria dos alunos na saída das aulas para ocuparem lugares nos ônibus.

2 - A Secretaria Estadual de Educação resolveu alterar sua política educacional de acesso ao ensino de 2º grau, permitindo a instalação deste nível de ensino em várias escolas. No primeiro momento, foi instalado nas escolas: EE Angelo Campo Dall'Orto (centro - Nova Veneza), EE Wadih Jorge Maluf Matão/Sumaré), EE Liomar Freitas Câmara (Vila Real- Hortolândia) EE Guido Rosolem (Rosolem - Hortolândia). Nos anos seguintes, foram instalados o 2º grau nas escolas: EE Vito Carmine Cerbasi - (Jd Palmeiras- Sumaré), EE Luis Campo Dall'Orto Sobrinho (Jd. Dall'Orto - Sumaré), EE Maria Ivone Martins Rosa (Jd. Denadai - Sumaré), EE Luis Henrique Marchi (São Judas Tadeu - Sumaré), EE Yassuo Sasaki (Jd. Sta Esmeralda - Hortolândia), EE Santa Clara do Lago - (Hortolândia), EE Jd. Amanda - (Hortolândia), EE. Profa. Elysabeth de Mello Rodrigues (CECAP - Sumaré).

3 - Também contribuiu a instalação do Curso Supletivo em nível de 2º

grau na EE André Rodrigues de Alckmin para atender alunos com 18 ou mais anos de idade, muito bem organizado pela sua Diretora: Profa. Rosa Maria Olivo Campigli, e com grande procura por parte dos alunado, pois havia um bom corpo docente, bastante dedicado e que correspondeu à expectativa da sociedade educacional.

4 - A ampliação da rede municipal de educação, notadamente com a educação infantil, com a criação de diversas EMEIs e término do convênio entre a Prefeitura Municipal de Sumaré e a Secretaria Estadual de Educação, através do qual a Prefeitura colocava à disposição das escolas estaduais vários funcionários, que passaram a ser absorvidos pela rede municipal de educação.

Por todos estes fatores, a EE Dom Jayme de Barros Câmara teve queda drástica no número de seu alunado e ficou com uma ala de seu prédio bastante ociosa. O Prof. Júlio José Campigli, que era o Supervisor da escola, em conversa com a Profa. Angelina, que era a Diretora da Escola, acordaram a ocupação de uma ala da Escola Dom Jayme junto à Rua Luiz José Duarte, para ser a sede a Delegacia de Ensino de Sumaré, uma vez que estava totalmente ociosa.

O acordo foi passado à então Delegada de Ensino de Sumaré, Profa. Silvia Rosa Gomes Giovaninni, que rapidamente concordou e pediu autorização ao então Diretor Regional de Ensino de Campinas, o Prof. Carlos Roberto Cecílio, que prontamente atendeu à solicitação.

MUDANÇA PARA A NOVA SEDE

Em julho de 1992, cada Setor da

Delegacia de Ensino ficou encarregado de fazer a mudança para a nova sede que, finalmente, em 31 de julho de 1992, com a mudança do Gabinete da Delegada de Ensino, completou a mudança e estabeleceu a nova sede.

Na noite deste dia (31/07/1992), a Delegada de Ensino de Sumaré - Profa. Silvia Rosa Gomes Giovaninni, juntamente com a presença do Diretor da DRE - Campinas, dos Supervisores de Ensino, dos Diretores de Escola, dos funcionários e convidados foi descerrada uma placa comemorativa da instalação da nova sede da DE de Sumaré, sita à Rua Luiz José Duarte, n.º 333, em Sumaré, onde até hoje se encontra, realizando assim o grande sonho que era ter uma sede própria. Futuramente, a então Secretária de Educação Estadual de São Paulo, a Profa. Teresa Rose Neubauer da Silva, em visita à DE de Sumaré, autorizou a mudança e instalação em caráter definitivo.

ASSISTENTES TÉCNICOS PEDAGÓGICOS (ANTIGOS MONITORES)

Merecem destaque os Assistentes Técnicos Pedagógicos (ATP) (antigos monitores) que muito trabalharam para orientar os professores da DE Sumaré quanto à parte pedagógica. Merecem destaque os Profs.: Maria Queiroga Amoroso Anastácio e Ady Correia do Nascimento (Ciclo Básico), Maria Inês Galhardi (alfabetização), Vânia Aparecida Nogueira da Silva (Educação Física), Marli Eloisa Scanavacki e Maria Beatriz de Arruda Freitas (Ciências), Maria Aparecida Figueiredo Barbosa e Jaci Alves de Oliveira

Moura (Matemática), Sonia Maria Gotardi (Língua Portuguesa), Francisco Toledo (História), Maria Helena Rocha Stein (escolas rurais), Paulo Torquato e Prof. Yoshio (Geografia). Deste período inicial até aos dias atuais muitos passaram pela ATP com bastante dedicação em seus trabalhos.

DELEGADOS DE ENSINO: NOMEADOS E INTERINOS

A 1ª Delegada de Ensino de Sumaré foi a **Profa. Dilma Galeti Valença Barel**, que teve ótimo desempenho, pois com muita dedicação, garra, trabalho e organização, instalou, desenvolveu, organizou de modo brilhante a DE Sumaré, fazendo com que a comunidade sumareense a conhecesse e passasse a utilizá-la. Mas, em 14/10/1989, a Profa. Dilma aposentou-se, sendo interinamente substituída pela Profa. Magda Aparecida de Oliveira Marques, de outubro de 1989 até março de 1990.

A 2ª Delegada de Ensino de Sumaré foi a **Profa. Sonia Maria Carturam Moita**, que ficou por pouco tempo (de janeiro a outubro de 1990), pois logo foi transferida para uma DE de Campinas. Ficando como Delegado de Ensino interino o Prof. Ademar Costa até outubro de 1991, uma vez que o Prof. Júlio José Campigli foi nomeado pelo Prefeito Municipal de Sumaré - Paulino Carrara - para ser Diretor do Departamento de Educação do município. Ao retornar para a DE ficou provisoriamente sendo Assistente Jurídico da DE. A 3ª Delegada de Ensino de Sumaré foi a **Profa. Silvia Rosa Gomes Giovaninni** desde 08/11/1991 até 28/11/1994. Com

a aposentadoria da Profa. Silvia Rosa, ficou como Delegado de Ensino interino o Prof. Júlio José Campigli. A Profa. Sílvia deixou um grande legado, que foi a mudança, instalação e organização da DE em sua sede própria, trabalho realizado com muita dedicação.

O 4º Delegado de Ensino de Sumaré foi o **Prof. Claudinei Cabral**, de 12/05/1995 até 07/03/1997 e, com a aposentadoria do Prof. Claudinei, ficou como Delegado de Ensino interino o Prof. Júlio Jose Campigli. Coube ao Prof. Claudinei fazer a redistribuição da rede física e orientação quanto ao convênio de municipalização de ensino com as Prefeituras Municipais de sua área de abrangência. Trabalho que fez com muita dedicação e excelente desempenho.

A 5ª Delegada de Ensino de Sumaré foi a **Profa. Sandra Maria Aparecida Ribeiro**, desde 22/04/1998 até 13/05/2003. Com

a sua saída e com a aposentadoria do Prof. Júlio José Campigli, ficou sendo Delegada de Ensino interina a Profa. Ana Terezinha Paula Cortezia, Diretora de Escola.

A 6ª Delegada de Ensino de Sumaré foi a **Profa. Nemesi Divina Brandão Vieira**, desde 22/05/2003 até 03/02/2009. Durante a gestão da Profa. Nemesi, a Secretaria Estadual de Educação reestruturou a rede estadual transformando a Delegacia de Ensino em Diretoria Regional de Ensino – Região de Sumaré, abrangendo os municípios de Sumaré, Hortolândia e Paulínia. Com a saída da Profa. Nemesi, ficou como Diretora Regional de Ensino de Sumaré, a Profa. Aparecida Antonia Bertazzi Belotto até a chegada da atual Diretora de Ensino de Sumaré.

A 7ª Diretora Regional de Ensino de Sumaré, de 06/06/2009 até dia 04/06/2019 foi a **Profa. Dirceuza Biscola**

A todas as pessoas que muito trabalharam desde a criação, instalação, desenvolvimento e organização da DE de Sumaré tornando-a uma realidade, todo o agradecimento seria pouco para enaltecer a dedicação e grandeza que ajudaram a formar.



Pereira, que realizou bom trabalho administrativo e pedagógico com as escolas. A partir de 04/06/2019 está como Dirigente Regional de Ensino substituta interina a Profa. **Elizete Aparecida Flório da Silva**, Supervisora de Ensino da Diretoria Regional de Ensino de Sumaré, até futura escolha da Secretaria Estadual de Educação. Durante todos estes anos, vários supervisores, assistentes técnicos pedagógicos, funcionários passaram pela Diretoria de Ensino de Sumaré realizando trabalho com bastante dedicação, organização, desempenho contribuindo para a grandeza da DE.

A todas as pessoas que muito trabalharam desde a criação, instalação, desenvolvimento e organização da DE de Sumaré tornando-a uma realidade, todo o agradecimento seria pouco para enaltecer a dedicação e grandeza que ajudaram a formar.

CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO ESTUDANTIL E FUTURA DIMINUIÇÃO DO ALUNADO

Com o censo de 1970, a população total de Sumaré era de 23.054 habitantes, com o censo de 1980, a totalização atingiu o impressionante número de 101.872 habitantes, e com o censo de 1991 o total de população foi de 227.567 habitantes. O censo de 2000 totalizou 196.015 habitantes.

Com o intenso crescimento das décadas de 80 e 90, explodiu também a população na faixa etária estudantil, o que obrigou o município a procurar o poder público estadual para o aumento de prédios escolares para atender a crescente demanda educacional. Muitas escolas foram construídas chegando a totalizar cerca de 60 prédios escolares. O ditado popular dizia que em Sumaré, não nascem, mas “brotam crianças”. Muitos bairros tiveram seus lotes ocupados por moradias, as crianças foram para as escolas, mas com o passar

dos anos, esta população estudantil tornou-se mais adulta e na grande maioria das vezes se casaram e mudaram de bairro ou de cidade. Assim, em muitos bairros a população tornou-se adulta e até mesmo idosa, e com isso o número de crianças em idade educacional diminuiu bastante e muitas escolas nos dias atuais sentem a falta de alunado, chegando a diminuir esta população.

Algumas pessoas falam em fechar escolas, mas esta não é a solução, pois com a rápida evolução tecnológica, muitas escolas poderiam ser transformadas em escolas em tempo integral, ou em Centros de Estudos de Línguas (CEL) ou em salas de tecnologia, auxiliando as famílias, bem como melhorando a aprendizagem e a formação de novos e futuros cidadãos. Não podemos nos dar ao luxo de fechar escolas com a evolução que o mundo atravessa. Devemos dar-lhes melhor formação para que se integrem melhor na sociedade. ●



ESCOLA DO SESI EM SUMARÉ

CENTRO EDUCACIONAL - SESI 341



Em 1967, preocupados com a educação dos moradores da cidade, o Lions Clube através do Dr. Horácio Rezende do Nascimento entrou em contato com o Dr. Nadim Elias Thame, Delegado Regional do Sesi. E no dia 20 de fevereiro de 1967 se reuniram e decidiram fundar uma escola. Foi assim instalada a Escola Reunida Sesi 142

Missão: Promover a educação para o desenvolvimento econômico e social, contribuindo para a elevação da competitividade da indústria e melhoria dos padrões de vida de seus trabalhadores e dependentes e comunidade em geral.

O Sistema Sesi exerce papel importante no desenvolvimento social brasileiro, colaborando com a melhoria da qualidade de vida do trabalhador da indústria e seus familiares, e também da comunidade local, prestando serviços nas áreas da educação, esporte, cultura, nutrição, saúde, entre outros.

Quando falamos do Sesi de Sumaré nos dias atuais, vem-nos à memória, toda a estrutura que possui hoje, uma escola ampla, acolhedora, funcional, bem equipada, organizada, limpa, um ambiente de causar “inveja” aos educadores que a visitam. No entanto, nem sempre foi assim. Seu início foi modesto, mas sempre prezando pela qualidade da educação de seus alunos. Em 1967, preocupados com a educação dos moradores da cidade, o Lions Clube através do Dr. Horácio Rezende do Nascimento entrou em contato com o Dr. Nadim Elias Thame, Delegado Regional do

SESI. E no dia 20 de fevereiro de 1967 se reuniram e decidiram fundar uma escola. Foi assim instalada



1969 - Desfile de 7 de setembro

a Escola Reunida SESI 142 (em caráter provisório), conforme publicação no Diário Oficial do Estado de São Paulo de 13/05/1967, que funcionou, neste ano, em um espaço pertencente ao Asilo de Inválidos de Sumaré, que ficava próximo ao Ribeirão Quilombo. A escola iniciou no mês de fevereiro com dois períodos. No período da manhã, funcionava uma 1ª série com 30 alunos e sua primeira professora foi Vanilda Aparecida Marson Biondo, que se desligou da escola no mês de março do mesmo ano, sendo substituída pela Prof^ª. Anália Rezende do Nascimento, que saiu também em 24 de abril de 1967. Para ocupar o cargo vago foi contratada a Prof.^a Antonia Josefa Bosco Biondo. Já no período da tarde, a primeira professora foi Maria Aparecida de Andrade Moraes, que lecionava para uma classe multisseriada com 25 alunos de 1ª e 2ª séries e era também responsável pela administração da escola que foi registrada na 19ª Delegacia Elementar de Ensino de Campinas sob o N° 1 da D.E.

Durante o ano de 1967, o Lions Clube de Sumaré, através de campanhas e com a parceria da Prefeitura Municipal de Sumaré, construiu um novo prédio com estrutura para o funcionamento de uma escola, e com capacidade para atender mais alunos. A inauguração foi em fevereiro de 1968, com

uma grande festa, quando o Lions Clube, na pessoa do seu presidente, o Sr. Eduardo Gigo, e o Prefeito João Smânio Franceschini fizeram a entrega do prédio ao Serviço Social da Indústria – SESI. O prédio foi construído na Rua Dr. Honorino Fabri, nº442, na Vila Valle, com duas salas de aulas, uma diretoria, dois banheiros e uma cozinha, um galpão coberto onde os alunos tomavam merenda. Havia também uma área externa onde as professoras faziam hortas com os alunos.

Já nessa época, a escola tinha a preocupação com valorização e preservação do meio ambiente. Com o novo prédio, passou a atender no período da manhã duas primeiras séries e, no período da tarde, segunda e terceira série. Funcionou assim até 1970 e nesse período a respon-

sável pela escola era a Prof^ª. Maria Ignez Scrocca Cundiev.

Em 1970, numa parceria entre Lions e Prefeitura, houve a ampliação de duas salas de aulas, concluídas e inauguradas em 1972. Com a ampliação, a Escola Reunida SESI 142 passou para Centro Educacional SESI 341. Com o aumento do número de alunos, foi designada a primeira Coordenadora/Professora, responsável pela administração e pela parte pedagógica da escola, a Sra. Maria Auxiliadora Gilla dos Santos, que permaneceu no cargo até 1975, quando foi substituída pela Prof^ª. Antônia Josefa Bosco Biondo, que ficou na coordenação até 2002, quando se aposentou. Foi substituída pela Prof^ª. Nalgia Festa que trabalhou nos anos de 2003 e



1971 - Visita a Prefeitura de Sumaré

2004; com a sua remoção, assumiu a Professora Valdira Nerita Duarte, que está na direção até a presente data. É importante ressaltar que o responsável pela parte administrativa e pedagógica da escola até o ano 2006, recebia a denominação de Coordenador; em 2007, passou a ser Administrador Escolar e em 2014 passou a se chamar Diretor de Escola. A partir de 2007, a escola passa a ter o profissional Coordenador Pedagógico.

No início da década de 1970, houve mudanças da legislação da educação brasileira com a implantação da LDB 5692/71. Entre algumas mudanças ocorreu a troca da nomenclatura de Primário (ciclo que ia da 1ª a 4ª série) para Ensino de 1º Grau (ciclo de 1ª série a 8ª série). Com base na lei citada em 1975, iniciou-se a integração do Centro Educacional para dar continuidade ao ensino. A partir de 1979, foi implantada a 5ª série do 1º Grau no período Vespertino. Mas esse processo não foi tão tranquilo, conforme publicações no Jornal Folha de Sumaré de 11/12/1977, 01/10/1978 e 15/10/1978. Segundo essas publicações, a demanda estava crescendo e não havia investimentos para ampliação do prédio. Além disso, a Delegacia de Ensino de Americana exigia a implantação da 5ª série para dar continuidade ao ciclo. As classes estavam lotadas com até 50 alunos e uma lista de espera.

Além da grande quantidade de alunos que a escola atendia, em 1975, foi implantado pela Prefeitura, junto ao Centro Educacional do SESI, o projeto de educação alimentar do Departamento de Nutrição da USP denominado CEAPE – Centro de Educação e Alimentação do Pré-Escolar, que visava atender crianças

pré-escolares e orientar suas famílias a respeito da alimentação. Além de receber alimentação, as crianças desenvolviam atividades de ordenação motora, socialização e recreação. Em 1978, passou a funcionar em salas anexas a Educação Infantil com três classes, a EMEI O Mundo Alegre da Criança.

Com tantas dificuldades, cogitou-se até a possibilidade de fechar a escola. A população local se mobilizou e fez um abaixo-assinado. Diante da movimentação da população e das solicitações da escola, o Prefeito Paulo Célio Moranza se reuniu com os professores, pais, alunos e representantes do Lions Clube, quando então se comprometeu a ampliar a escola para o ano de 1979. No entanto, outra solução foi tomada: a mudança da Escola SESI pra um prédio novo no Jardim Luiz Cia.

No período de 1976 a 1979, houve um grande crescimento populacional na região do Vila Valle e consequentemente a procura pela Unidade SESI. Com o aumento da demanda a escola já não conseguia mais atender a população. A solução foi mudar para outro prédio que a Prefeitura Municipal estava construindo no Jardim Luiz Cia, com capacidade maior e es-

paço para possíveis ampliações. A Coordenadora conseguiu junto ao então Prefeito Paulo Célio Moranza a cessão do prédio.

Em 1980, o Centro Educacional – SESI 341 mudou para o novo prédio que ficava na Rua Rafael Rossi, 197, Jardim Luiz Cia. Esse prédio mais amplo contava com oito salas de aula, oficina, biblioteca, sala de professores com banheiro privativo, coordenadoria, almoxarifado, ambulatório médico, cozinha, dois banheiros para alunos e dois corredores cobertos.

Com a mudança de prédio iniciou-se, também, uma nova realidade educacional. A Unidade passou a receber alunos de várias regiões, pois os pais procuravam no Sistema SESI uma melhor qualidade de ensino/aprendizagem para seus filhos. Mesmo com o aumento da demanda, nos dois primeiros anos uma sala ficou ociosa. Ao longo dos anos foram necessárias algumas adaptações para atender aos alunos com qualidade; a biblioteca e a oficina foram unificadas, passando a escola a ter 9 salas de aulas, atendendo em três períodos: manhã, tarde e noite, sendo no período diurno, o Ensino Fundamental e Médio, e Noturno TC 2000 e Programa de Alfabetização Intensiva Pai.



2000 - Desfile de 7 de setembro

No dia 16 de fevereiro de 2012, em uma reunião no Gabinete do Prefeito, a chave do prédio do Jardim Luiz Cia foi entregue à municipalidade, simbolizando a devolução do imóvel pertencente ao Município. Estiveram presentes: o diretor do SESI Antonio Lombarde e representantes do Pólo SESI Campinas, o Secretário Municipal de Educação João José Haddad Araújo e o Superintendente Administrativo Pedagógico Emílio Coelho Augusto.

Em 2012, a Escola SESI de Sumaré mudou para o prédio próprio, construído na região central de Nova Veneza, localizado na rua Amazonas, 99. Atualmente, o prédio da unidade conta com 18 salas de aula divididas em três blocos, áreas de convivência, uma biblioteca, com acervo atualizado, com cerca de 12.000 livros, um laboratório de informática educacional, um laboratório de ciência e tecnologia, um de química, biologia e física e uma sala multidisciplinar.

Atualmente, atende 710 alunos no Ensino Fundamental e Médio, sendo 320 estudantes em tempo integral (alunos de 1º ao 5º ano que ficam na escola das 7h às 16h), onde além das aulas regulares, realizam outras atividades e recebem alimentação adequada. Para administrar a escola e manter a boa qualidade, a equipe gestora é composta pela diretora Valdira Nerita Duarte e as coordenadoras pedagógicas Diana Pereira Saldanha Quirino (1º ao 5º ano) e Francis Mara Muniz Miranda (6º ano ao Ensino Médio) além de uma boa equipe de funcionários e professores capacitados.

Além da base curricular nacional, a escola também propicia aos seus alunos outras atividades na área de

ação social, esportiva, cultura, lazer, educação ambiental. Com um espaço amplo, a preocupação com o meio ambiente é presente nos jardins, na horta e na compostagem em que os alunos participam do projeto com orientação de professores e auxílio de outros profissionais. Os alunos também colaboram com limpeza e manutenção da escola.

No mundo digital em que vivemos, o Supletivo já não é mais presencial, a EJA (Educação de Jovens e Adultos), tanto do Ensino Fundamental como do Médio, é realizada através de uma Plataforma Digital onde o aluno estuda e só vai à escola uma vez por mês para realizar as provas.

Além da escola, o SESI também mantém uma fantástica estrutura de lazer e cultura, que foi inaugurada em 2013 e recebeu o nome de Centro de Atividades “Fuad Assef Maluf”, que oferece espaços para práticas esportivas, lazer (quiosques, parque infantil), duas quadras poliesportivas, uma quadra coberta, vestiários, campo de futebol de areia, campo de futebol society e um espaço para a prática de fitness (musculação, pilates, zumba e treinamento funcional), dança (ballet e jazz) para crianças de 04 a 17 anos e, na saúde, com o RPG (Reeducação Postural Global) em atendimento individualizado por fisioterapeuta aos industriários e comunidade em geral. A Unidade conta ainda com um Centro de Reabilitação, onde o atendimento é feito por uma equipe multiprofissional (médico, psicólogo, fisioterapeuta e terapeuta ocupacional), altamente capacitada para reabilitar o industriário, melhorar sua qualidade de vida, e prepará-lo para o convívio social e o retorno ao trabalho.

Com um espaço amplo, a preocupação com o meio ambiente é presente nos jardins, na horta e na compostagem em que os alunos participam do projeto com orientação de professores e auxílio de outros profissionais. Os alunos também colaboram com limpeza e manutenção da escola.

À frente da grandiosa estrutura do SESI Sumaré estão valerosos profissionais entre eles: André Luís Martins da Silva (Diretor de Centro de Atividades – CAT), Daniel Pastre Ramos (Gerente Administrativo Financeiro) e Júlio Cesar da Silva (Coordenador de Qualidade de Vida). ●

FONTES:

- Proposta Pedagógica de 2002 o Popular – Campinas
- Conversa com a Diretora da Escola Valdira Nerita Duarte
- Acervos de fotos da Escola do SESI Sumaré e do Pró-Memória de Sumaré



O ENSINO DE HISTÓRIA NAS ESCOLAS

A palestra ministrada no **VI Fórum Pró-Memória de Sumaré: 150 anos de História**, no dia 09 de novembro de 2018, pela professora Mara Alice Forti, professora de História desde 1994, na escola Dom Jayme de Barros Câmara em Sumaré, teve como tema “O ensino de História na escola estadual”.

O fato de o colégio Dom Jayme de Barros Câmara ter se tornado a primeira escola estadual de Sumaré a adotar o sistema de Ensino Médio Integral, contribuiu muito para o desenvolvimento de aulas diversificadas e muitos projetos atraentes para os alunos.

Segundo as Diretrizes do Programa de Ensino Integral do Estado de São Paulo, as aulas visam melhorar a qualidade de ensino e o desempenho dos alunos. São iniciativas na educação pela democratização, acesso de todos aos recursos culturais, metodologias diferenciadas e a utilização de recursos tecnológicos para o processo de ensino e aprendizagem.

Dentro do contexto atual, se faz necessário, cada vez mais, a ampliação de oportunidades educacionais, conteúdos socioculturais, possibilitando a vivência do ensino de História, que direcione os alunos às aprendizagens presentes no cotidiano, proporcionando cons-

tantemente projetos e ações que contribuam para a plena formação dos alunos como cidadãos críticos e conscientes.

Ao contar com mais horas de atividades na escola, disciplinas diferenciadas, como Projeto de Vida, Orientação de Estudo, Preparação Acadêmica, Eletivas, Mundo do Trabalho, entre outras, podem assegurar aos alunos o desenvolvimento de novas competências e habilidades pertinentes à sociedade.

Os desafios que nos são apresentados no dia a dia, junto com o cumprimento do currículo de História, apelam para o desenvolvimento de práticas que façam sentido para vida do aluno, sejam dentro ou fora da escola. O ensino de História alinhado com a realidade do jovem, contribui preparando-o para ser um cidadão autônomo, solidário e competente, e que busque ser protagonista de sua própria história.

Através da leitura, pesquisas e projetos desenvolvidos na disciplina de História, procura-se uma ponte entre o passado e o presente, que poderão refletir no futuro, na construção de uma sociedade mais sensibilizada com os problemas sociais, econômicos e culturais.

O envolvimento dos alunos e a capacidade de iniciativa são exigências para compreender a postura

diante de um novo mundo, na sua conquista de identidade pessoal e social. Ao resgatar os fatos históricos que fizeram nossa história local ou mundial, nos levam a refletir sobre a nossa atitude em relação à escola, comunidade, pessoas e situações adversas.

Uma das funções do ensino de História é dar condições de não apenas preservar as realizações do passado e do presente, mas de aprimorar as realizações humanas. Não basta oferecer aos alunos boas aulas, mas também as condições necessárias para sua conscientização como

Através da leitura, pesquisas e projetos desenvolvidos na disciplina de História, procura-se uma ponte entre o passado e o presente, que poderão refletir no futuro, na construção de uma sociedade mais sensibilizada com os problemas sociais, econômicos e culturais.

participante da formação da história de sua família, de seu bairro, escola, comunidade, cidade, estado e país.

Assim, se faz muito importante a função do Historiador, que realiza um trabalho fundamental, com base em pesquisas e fontes históricas. O Historiador é um especialista que trabalha na interpretação, por meio de pesquisas. A investigação dos vestígios deixados pelas sociedades contribui ricamente neste processo. Pode-se utilizar fontes escritas, como: cartas, registros de nascimento, casamento, óbitos, além de revistas e jornais.

Há também as fontes materiais, como: objetos, construções, monumentos, meios de transporte, não deixando de lado as fontes orais, os cantos, lendas e entrevistas.

As escolas e alunos necessitam de um espaço na cidade, que apresentem estas fontes históricas de pesquisa, sejam elas escritas, orais ou físicas, como os objetos.

É importante ressaltar que o espaço Pró-Memória de Sumaré é o local onde encontramos um acervo riquíssimo de fontes históricas. A visita dos alunos ao Pró-Memória enriquece as informações que são trabalhadas em sala de aula, os jovens podem ter contato com registros da cidade, fotos, objetos e exposições.

O Professor e Historiador Francisco de Toledo, um dos membros da Pró-Memória de Sumaré, nos proporcionou uma palestra em sala de aula sobre: “A Importância do Trabalho do Historiador”, apresentando vários objetos, livros de sua autoria, livros de registros da cidade de Sumaré. Os alunos identificaram e reconheceram diferenciadas fontes históricas, sendo elas verbais, não verbais e orais.

Não basta oferecer aos alunos boas aulas, mas também as condições necessárias para sua conscientização como participante da formação da história de sua família, de seu bairro, escola, comunidade, cidade, estado e país.

Analisar os processos de formação histórica das instituições sociais, políticas, econômicas, culturais pode se relacionar às práticas dos diferentes grupos e agentes da sociedade. Todo espaço utilizado pelos alunos pode contribuir para seu aprendizado, seja ele: casa, escola, Igreja, clube, praça e locais preservados como patrimônio histórico.

Assim, sempre que possível sair da sala de aula e visitar espaços que diversifiquem a aprendizagem, traz um complemento excelente que atrai o interesse dos alunos, deixando uma marca inesquecível, onde

relacionamos os registros escritos nos livros didáticos, com as práticas de ensino, que levam ao mais próximo do concreto na aprendizagem. A palestra ministrada pela professora Mara Alice apontou, através de fotos, os registros de atividades diversificadas trabalhados no decorrer dos anos na escola de Ensino Integral. Nas primeiras séries do Ensino Médio, foram trabalhados vídeos sobre a Pré-História, leitura de textos e imagens relacionadas ao período. Para concretizar o conteúdo foram feitos trabalhos com massa de modelar e confecção de fósseis, no término de cada trabalho, houve um debate e votos entre os próprios alunos, para a premiação do trabalho considerado o mais criativo.





Quando abordamos a História do Brasil, contemplamos as civilizações indígenas. Além dos textos trabalhados, foram apresentados vídeos, fotos e também pesquisas feitas pelos alunos em sala de aula. A escola conta com recursos, como: livros didáticos, netbooks com acesso à internet para pesquisas, projetores interativos, sala de leitura, laboratórios e espaços diversificados ao ar livre, o que facilita a aprendizagem.

Em uma das atividades desenvolvidas durante as aulas de História, os alunos tiveram o privilégio da visita da tribo Kariri Xocó do Estado de Alagoas. Os índios da aldeia estavam na região de Campinas, apresentando a cultura indígena através de suas danças, cantos, artesanato e palestras.

Em outra ocasião, ao ensinar sobre o Mundo Antigo, foram apresentados aos alunos papiros, escaravelho de bronze, roupas de dança do ventre, moedas egípcias, adornos típicos da civilização do Egito, para tornar o conteúdo mais atrativo para o aluno.

Ainda falando do Mundo Antigo, os alunos desenvolveram peças teatrais sobre Mitologia Grega e

apresentaram em sala de aula. Na transição da Idade Antiga para a Moderna, foram desenvolvidas pesquisas e projetos sobre as invenções de Leonardo da Vinci, quando os alunos construíram réplicas das principais invenções deste autor, que foram premiadas e ficaram em exposição na escola.

Foi desenvolvido ainda um projeto interdisciplinar na área de Ciências Humanas, onde os alunos puderam visitar a cidade de Itu e conhecer o Museu Republicano, as Igrejas, o Quartel de Itu e enriqueceram o conhecimento acerca da História do Brasil.

Os alunos visitaram também o Assentamento II de Sumaré, onde tiveram palestras sobre a Reforma Agrária na região Metropolitana de Campinas.

Por ser uma escola reconhecida pelo seu papel, fomos convidados ao Centenário do Horto Florestal no Rotary Club, onde os alunos puderam prestigiar a exposição de fotos e tiveram uma palestra sobre Meio Ambiente.

As aulas de História contam com revisão de conteúdos através de jogos de conhecimento, charges, filmes, documentários e desafios.

Para enriquecer os conteúdos programáticos sobre a entrada dos imigrantes no Brasil, os alunos foram ao Museu do Imigrante em São Paulo e conheceram um pouco de cada cultura e a influência destas na brasileira. O ensino de História vai muito além da sala de aula. Faz parte da vida, do cotidiano, dos relacionamentos, das culturas, das etnias, das religiões, economia e política. É conhecer o passado para compreender o presente e planejar um futuro mais digno, ético e humano.

Cabe ao profissional de História despertar no aluno o encantamento pela sua história e pela história da sua cidade, do seu país e do mundo em que vive. Que perceba que a história não é só escrita pelos grandes nomes, mas que cada um é responsável pela sua própria história. ●



Alaerte Menuzzo

SIDNEY FOFFANO

Sidney é um personagem muito importante na História de Sumaré. Entre outras coisas, foi fundador e presidente em mais de um mandato do Lions Clube de Sumaré. Foi também fundador da Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Sumaré. Ocupou o cargo de Chefe de Gabinete da Prefeitura, dirigiu o Cartório de Registro Civil de Sumaré por mais de 18 anos. Foi Advogado das Prefeituras de Sumaré, Campinas e Hortolândia. Finalmente, é a última pessoa viva de nossa cidade na célebre foto que registrou a audiência que os moradores tiveram na Assembleia Legislativa de São Paulo, em 27 de abril de 1953, que culminou com a emancipação de Sumaré.



Campanha de Emancipação

Sidney Foffano nasceu no dia 25 de julho de 1928. É filho do casal Eduardo Foffano e Alzira Pires Foffano e neto do imigrante Atílio Foffano, um dos moradores mais antigos da Vila de Reboças. Atílio Foffano, o avô paterno, foi

um dos maiores empreendedores de Reboças-Sumaré. Nasceu em Zelarino, na Itália. Casou-se lá com Giuseppina Franceschini antes de vir para o Brasil. Seu destino inicial foi Limeira porque o cunhado dele, João Franceschini, morava



Eduardo e Alzira, os pais

lá. Na procura de melhores oportunidades acabou vindo para Rebouças para trabalhar com café. Aqui prosperou e depois de alguns anos resolveu encerrar suas atividades e voltar para o velho continente.

Depois de morar alguns anos no país onde nasceu, Atílio foi avisado que poderia ser convocado para lutar no conflito que estava em andamento – a Primeira Guerra Mundial, iniciada em 1914. Preocupado com o bem-estar da esposa e dos filhos, desfez-se de todos negócios que tinha e voltou para o Brasil, direto para Rebouças, onde montou um Armazém de Secos e Molhados, na esquina da atual Rua Bandeirantes com a Avenida 7 de Setembro – na frente de um estabelecimento do mesmo ramo, a “Casa Italiana” do cunhado João Franceschini. Empreendedor nato, adquiriu uma gleba de 8 a 10 alqueires, onde hoje é a Vila Rebouças. Lá plantava cana e, vendo a qualidade do solo, montou ali uma olaria, com a qual ganhou muito dinheiro. Com os filhos adultos montou vários negócios: um Laticínio, um Curtume, uma indústria alimentícia – a Kibby. Comprou diversas áreas de terra na área central e na zona rural do distrito. Na área central, essas propriedades foram, principalmente, na rua 7 de setembro, quando ainda era uma estrada torta, em direção a Monte Mor. Ele dividiu o terreno em lotes e com isso endireitou a rua, doando as esquinas para que os proprietários construíssem imóveis e valorizassem os demais terrenos.

Outra propriedade adquirida foi atrás da antiga Igreja Matriz de Sant’Ana, que era utilizada para circos e parques. A Prefeitura de Campinas, pensando tratar-se de terreno público, denominou-a de Praça 13 de Maio. O Padre José Giordano, informando-se melhor, soube que esse terreno era do velho Atílio e lhe pediu que o doasse para a Cúria Metropolitana, para ali ser construída a nova Igreja Matriz. Foi o que aconteceu.

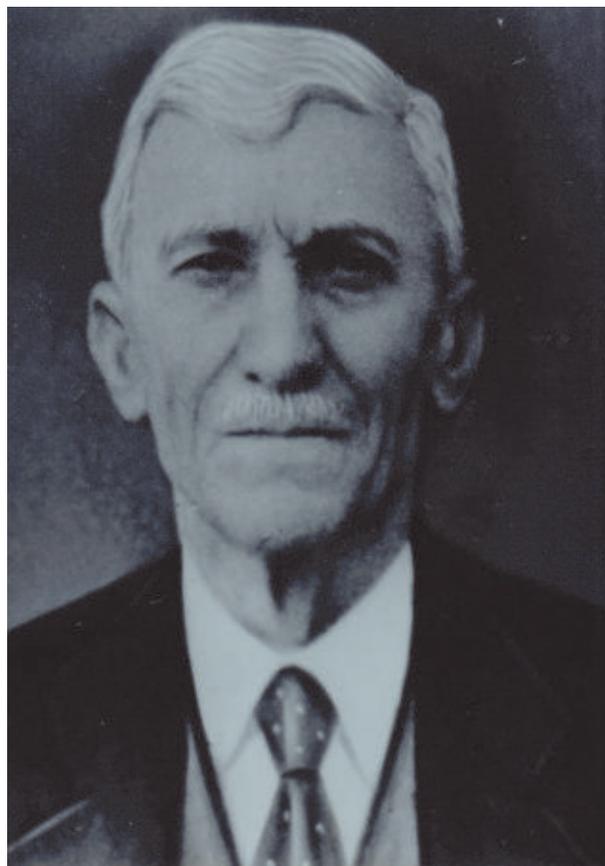
O maior empreendimento do avô Atílio foi a compra de uma fazenda de aproximadamente 100 alqueires, que existia na parte alta da cidade, paralelamente à linha férrea e em direção à antiga Jacuba. Nesse local existia uma fazenda de aproximadamente 750 alqueires, que era

utilizada para engorda de gado. Seu dono resolveu vender em partes de aproximadamente 100 alqueires cada. Atílio foi um dos adquirentes, juntamente com Manoel de Vasconcellos (Manéco), Tranquillo Menuzzo, Ângelo Ongaro e João Franceschini. Depois, comprou mais uma propriedade no outro lado do ribeirão Quilombo, pertencente à família Marchissolo, que tinha uma olaria. As mesmas ficaram unidas por confrontações, mas separadas pela linha férrea.

O imóvel mais famoso de Atílio, no entanto, foi o histórico Bar Paulista, construído por ele depois de uma aposta com Antonio do Valle Mello, dono do terreno. Esse imóvel tinha muitos formigueiros e Atílio se dispôs a acabar com eles, desde que recebesse o imóvel em doação. Foi o que aconteceu. Sumiram os formigueiros. E o Bar Paulista, infelizmente, também sumiu por conta da especulação imobiliária, quase cem anos depois.

AS FAMÍLIAS

O avô Atílio sempre morou na Rua Bandeirantes, ao lado do seu Armazém de Secos e Molhados, que alguns



Atílio Foffano, o avô paterno

anos depois seriam geridos pelos netos Sebastião Raposeiro Júnior e Norberto Raposeiro. Todos os imóveis do lado esquerdo, subindo a rua, eram de propriedade do avô, repassado a alguns filhos. Eduardo era vizinho do irmão Ernesto. O avô teve nove filhos – seis mulheres (Adelina, Antônia, Assumpta, Emília, Ezília e Leonita) e três homens (Adolfo, Eduardo e Ernesto).

Do lado materno, Sidney é neto do casal Joaquim Libânio Pires e Honorina Almeida Pires. O avô Joaquim era ferroviário e por muitos anos foi chefe da Estação de Rebouças, onde acabou se aposentando.

Os três filhos sempre participaram dos negócios com o pai. A parte financeira envolvia o Adolfo; a contabilidade era feita pelo Ernesto, que se formou em Campinas como guarda-livros; ao pai de Sidney, Eduardo, cabia o gerenciamento dos negócios. Foi assim no Laticínio, que surgiu depois de uma manifestação dos agropecuaristas que tinham dificuldade em vender o leite produzido em seus sítios. Os latões de 50 litros eram recolhidos na zona rural por caminhões e processados no laticínio; em seguida eram despachados por trem para São Paulo. O negócio prosperou rapidamente. Houve uma ocasião que o Laticínio mandou um vagão inteiro para a capital, com 5.000 litros de leite. Mas, infelizmente, tudo o que é bom dura pouco. Uma grande empresa do setor, incomodada com a concorrência, intimou a família a vender o negócio, sob a ameaça de construir outro laticínio na cidade, com preços mais altos para os agropecuaristas. Esse foi o fim do Laticínio Sumaré. Com o prédio

vazio, a família abriu, lá, outro negócio, em sociedade com a família Maluf – a Indústria de Produtos Alimentícios Kibby. Depois de alguns anos, a parte na sociedade foi vendida para a família Haddad.

Depois disso, veio o Curtume Foffano, num grande prédio, em imóvel comprado de José de Vasconcellos, localizado na atual Avenida João Argenton. A ideia era aproveitar o couro do Frigorífico Sumaré, de Geraldo Moacir Bordon. O negócio prosperou até o empresário mudar sua atividade para a capital, dando origem a um dos maiores conglomerados do ramo: o Frigorífico Bordon. Sem a matéria prima local, o pai Eduardo passou a comprar couro no Paraná e sul de Minas, porque o material encontrado no Estado de São Paulo tinha muitos problemas, provocados por carrapato. Com isso, o custo da matéria prima subiu muito e o negócio ficou inviável.

O Curtume trabalhava com os Bancos Noroeste e do Brasil em Campinas. Era o Sidney quem fazia o serviço bancário naquela cidade, no tempo em que estava na Faculdade. Depois desse empreendimento, o pai comprou duas áreas próximas da Rodovia, que transformou em dois loteamentos: Chácaras Reunidas Anhanguera e Chácaras Recreio Anhanguera. Suas atividades cessaram quando a esposa teve um AVC. Os últimos dez anos de sua vida foram dedicados a ela.

ESCOLARIDADE E CARTÓRIO

Sidney estudou no Grupo Escolar de Rebouças, na Praça da República. Lembra-se do Diretor da Escola, o professor Genésio de Assis, que morou na casa vizi-

nha do imóvel onde depois moraria Antonio Sanguini (começo da Praça da República). Antes do Sanguini, lá morava o Pedro Zacarchenco.

Eram seus colegas de classe: Adolfo Menuzzo, (Dido, tido como o melhor amigo), Odair Escalhão (Dae), José Carvalho (irmão do Joaquim Carvalho que tinha um comércio de guarda-chuvas em Campinas) e Ronald de Souza. Foram seus professores: Plínio Machado, Carlota Lobo de Paula, Elvira Moritz (de quem ganhou o primeiro livro – Reinações de Narizinho), Geny Navarro.

Quem trabalhava na escola eram os funcionários José Maria Barroca (o maestro da Banda de Rebouças) e Josias Pereira de Souza. O velho Barroca, além dos afazeres normais, mantinha uma grande horta no fundo da escola e um grande caramanchão de maracujá.

Depois do grupo escolar, Sidney foi estudar em Campinas, no Ginásio Culto à Ciência. Antes, porém, teve que prestar exame de Admissão, uma espécie de vestibular. Para ser aprovado, o aluno tinha que tirar uma nota entre 0 e 100. Tirou nota 72. Foi o último colocado aprovado. O Culto à Ciência era a única escola estadual de Campinas. Seu nível era elevado e tinha autonomia administrativa e didática.

Sidney ficou lá por apenas dois anos. Parou de estudar, o que foi, segundo ele uma decisão errada, por conta de sua imaturidade. Arrependeu-se disso. Depois de prestar um exame tipo madureza, num Ginásio de Rio Claro, obteve o diploma ginásial; foi então estudar no Colégio Cesário Mota, em Campinas, junto com Emílio Graupner. Viajava de trem todo

dia; saía às 06 da manhã e voltava às 12 horas. Concluído o curso colegial no Cesário, foi para São Paulo fazer um curso preparatório para tentar entrar na Escola Politécnica. Depois de 6 meses descobriu que aquela não era sua vocação. Então, voltou para Sumaré.

Foi, então, que recebeu convite do José Maria Matosinho para trabalhar no seu Cartório de Registro Civil. José Maria recebeu o cartório do pai, mas estava entrando na carreira política, depois de se eleger vereador na Câmara Municipal de Campinas, como representante do Distrito de Sumaré. Sidney acabou ficando lá por 18 anos. Após a morte de José Maria Matosinho, passou a contar com a ajuda de Antonio Sanguini Jr. (Nê), Djacir Sanguini (Di) e Roberto Trevisan. Quando começou a trabalhar, o cartório funcionava numa dependência da casa de Matosinho, na Avenida Júlia de Vasconcellos Bufarah. Depois mudou para a Rua 7 de Setembro, vizinho da alfaiataria de Ludovico Scrocca, e finalmente foi transferido para a Rua Antonio do Valle Mello, quase em frente ao Banco Segurança/Bradesco.

De José Maria Matosinho, Sidney só tem elogios. Diz que era um autodidata, muito inteligente, de raciocínio rápido, que lia muito. Não costumava comentar muito sobre sua vida, mas soube que estudou no Colégio Culto à Ciência. Casou-se com Irene de Vasconcelos, filha do grande fazendeiro Manoel de Vasconcellos (Manéco). Em 1947, elegeu-se vereador pela Câmara Municipal de Campinas, como representante do distrito de Sumaré. Daí passou a viver como político.

Sidney ia toda segunda-feira na

Câmara de Campinas, em dia de sessão, para despachar papéis do cartório com José Maria. Acabou fazendo muita amizade com o pessoal da Câmara. Diz que José Maria foi o maior orador que viu na vida; que não conheceu nenhum igual ou melhor que ele. Finaliza dizendo que morreu por teimosia: tinha problemas de saúde e não podia fazer esforço físico, mas não obedecia a essa recomendação médica.

O contato com as leis no cartório mostrou ao nosso biografado o caminho profissional a seguir: o Direito. Prestou o vestibular na PUC de Campinas. Nesse vestibular, que tinha provas escritas e orais, o Português era muito exigido. O examinador dessa matéria no vestibular, na prova oral, foi seu professor no Colégio Culto à Ciência – Professor Francisco Ribeiro Sampaio, filho do Benedito Sampaio.

PREFEITURAS

Leandro Franceschini foi eleito o segundo Prefeito de Sumaré, em 1958. José Miranda, seu rival na eleição, trabalhava como Chefe de Gabinete da Prefeitura. Depois do pleito, o mais disputado de toda a História de Sumaré, Miranda foi trabalhar na Secretaria da Câmara Municipal. Então, Sidney ocupou a Chefia de Gabinete da Prefeitura, lá permanecendo por quatro anos. Na eleição municipal seguinte, José Miranda foi eleito Prefeito. Sidney permaneceu na Prefeitura de Sumaré, agora como Advogado. Com o tempo, virou Diretor do Departamento Jurídico, em cargo efetivo. Quando completou 35 anos de serviço, aposentou-se no Governo de Paulo Célio Moranza. Mas ele acabaria permanecendo no

cargo, a pedido do Prefeito, até o final de seu mandato. Depois disso, passou a fazer advocacia particular e a ajudar a esposa, que era gerente regional da Avon.

Foi então que recebeu convite do Secretário de Finanças da Prefeitura de Campinas, no mandato de Jacob Bittar, para trabalhar no Jurídico daquela dependência. Lá ficou por dois anos, até 31 de janeiro de 1991. No dia seguinte, recebeu um telefonema da Prefeitura de Hortolândia. Antonio Dias, o primeiro Prefeito eleito após a emancipação do Distrito, tinha sido empossado. O Secretário Jurídico era Arlei Mapelli, que sugeriu ao Prefeito a contratação de Sidney para montar a Secretaria Jurídica.

Ficou lá 23 anos: quatro anos no mandato de Antonio Dias, oito no de Jair Padovani, oito no de Ângelo Perugini, três no de Antônio Meira, quando então pediu para sair, alegando problemas de idade e do estado de saúde da esposa.

ZULMA

Zulma Machado morava em Limeira. Juntamente com sua irmã, Ana Maria, fundou um conservatório musical naquela cidade. Sidney a conheceu no dia em que ela e um parente trouxeram a irmã para Sumaré. Num segundo momento, a família do Sidney foi para Santos participar de um casamento de parentes e Ana Maria convidou Zulma para o evento. Numa terceira oportunidade a família foi passar um final de semana na Praia Grande e a Zulma também foi. Ai não teve jeito: o namoro começou. Ao falar desse passeio, Sidney fala com extrema emoção:



Casamento de Sidney e Zulma. Foto com os pais de ambos

- Ah, aqueles olhos verdes!
Esse foi o começo oficial do namoro, que terminou em casamento, em março de 1959.

O casal teve dois filhos: Eduardo Foffano Neto, advogado como ele e Márcia Machado Foffano, funcionária concursada do Banco do Brasil.

Infelizmente, Zulma acabou falecendo em 2018. Tinha sido uma companheira inseparável de sua vida, em todos segmentos que participava, principalmente no Lions Clube. Registros fotográficos da vida desse personagem ilustre

de Sumaré mostram-no sempre acompanhado da querida esposa: no clube de serviços, nos bailes, nos encontros sociais, nos passeios...

Hoje, Sidney curte os filhos e os netas Marina e Luiza, do casal Eduardo Neto e Márcia Eliana Patero Foffano. Márcia, casada com Daniel Covalenco, não tem filhos, mas tem tempo quase integral para cuidar do pai.

Um grande pai. Um símbolo de Sumaré, que espera uma homenagem pública, à altura de sua biografia. ●



Sidney na presidência do Lions, ao lado de Zulma



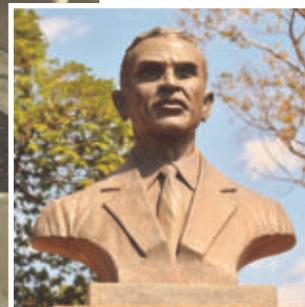
Glauce Onçaro



PRESENTE E PASSADO

MARCELO PEDRONI, um homem à frente do seu tempo, forneceu água de uma nascente de sua propriedade à cidade.

O monumento dedicado a ele, inaugurado em 05-11-1968, está na Praça Manoel de Vasconcellos, atrás da Igreja Matriz de Santana, onde também tinha uma fonte d'água potável à disposição da população, vista na foto de 1969.





Gino Giometti e Diva Miranda



Leonor Rohwedder e Cristiano Julio Fahl



Alikcei Covalenco e Maria Tanner

Nos **CASAMENTOS** os noivos usam ternos, ou algo que se assemelha, mudam cores, botões, enfim um traje que deu certo.

Já para as noivas, no começo do século passado, os vestidos eram mais curtos, depois os mais longos, que se tornaram os queridinhos, armados, ou nem tanto. Os véus passeiam por um universo vasto de formas e diferentes comprimentos, as vezes nem comparecem, mas a cor continua, preferencialmente branca.



Hermenegildo Maiale ABC e Elia Gigo

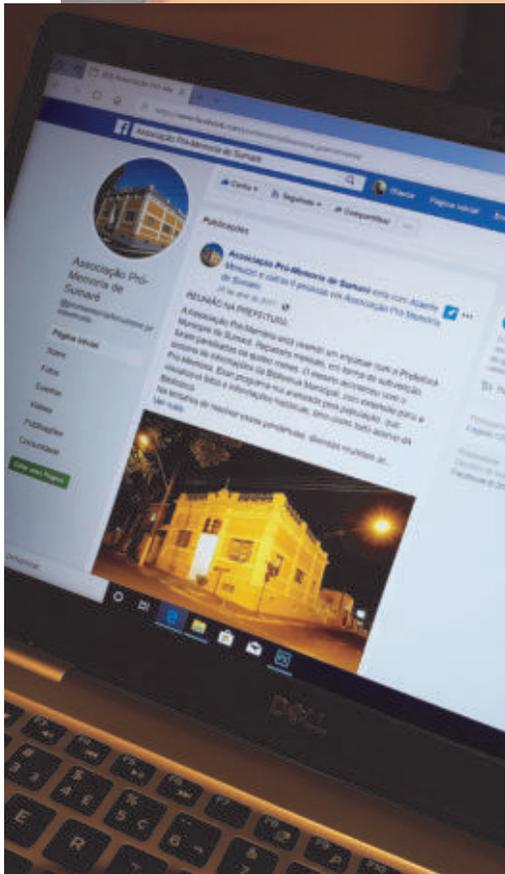


Zulmira Ap. Marchissolo e Hélio Biondo



Juliana Jhêssica Januário de Souza e
Thiago Vinícius Gomes Almeida

CRÉDITO DA FOTO: Karoline Nascimento



As **INFORMAÇÕES**, no passado, manuscritos, papéis envelhecidos pelo tempo, caligrafias primorosas, cadernos, livros impressos ou manuscritos, jornais, revistas, etc. eram usados para que as informações não se perdessem. Hoje tudo é guardado em arquivos físicos e também armazenadas pelas mídias eletrônicas em arquivos digitais.●

MUNICIPALIDADE			DE CAMPINAS		
Registro das Contribuições de imposto de estabelecimento municipal			em 2014 de Janeiro de 2014		
Nº	Nome	Valor	Nº	Nome	Valor
1	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	1	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
2	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	2	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
3	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	3	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
4	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	4	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
5	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	5	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
6	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	6	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
7	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	7	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
8	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	8	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
9	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	9	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
10	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	10	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
11	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	11	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
12	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	12	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
13	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	13	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
14	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	14	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
15	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	15	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
16	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	16	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
17	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	17	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
18	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	18	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
19	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	19	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
20	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	20	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
21	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	21	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
22	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	22	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
23	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	23	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
24	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	24	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
25	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	25	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
26	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	26	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
27	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	27	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
28	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	28	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
29	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	29	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
30	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	30	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
31	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	31	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
32	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	32	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
33	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	33	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
34	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	34	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
35	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	35	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
36	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	36	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
37	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	37	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
38	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	38	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
39	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	39	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
40	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	40	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
41	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	41	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
42	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	42	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
43	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	43	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
44	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	44	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
45	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	45	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
46	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	46	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
47	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	47	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
48	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	48	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
49	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	49	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00
50	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00	50	Associação Pro-Memória de Sumaré	200,00





ENTIDADES DE SUMARÉ: LIONS CLUBE, ROTARY CLUB E MAÇONARIA

Nos 150 anos de Sumaré é digno de menção o destacado papel do Lions, do Rotary e da Maçonaria. Apesar das diferenças, as entidades se caracterizam pelo serviço voluntário à comunidade e pelo cultivo da ética, do compromisso e da educação, contribuindo significativamente para a construção da história desta cidade.

LIONS CLUBE DE SUMARÉ

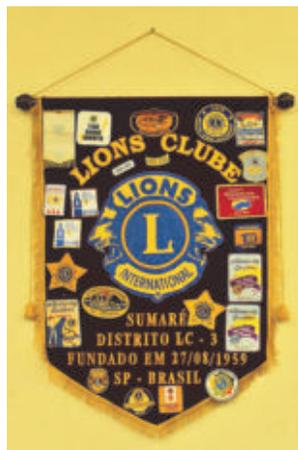
Em 1959, cinco anos após Sumaré se emancipar de Campinas e se tornar município com 11.000 habitantes, um grupo de 18 cidadãos visionários, preocupados com o desenvolvimento, resolvem dar início ao Lions Clube Sumaré, sendo apadrinhados pelo Lions Clube Campinas Centro, que tinha entre seus membros Carlos França, su-

mareense, empresário e amigo de todos os fundadores. O Movimento do Lions chegou ao Brasil em 1952, na cidade do Rio de Janeiro, e internacionalmente surgiu em 1917 nos Estados Unidos da América do Norte, em Chicago.

Preocupados com a realidade social de Sumaré, esses leões decidem servir a cidade através de campanhas e atividades no Lions Clube, cujo lema é: Liberdade, Igualdade, Ordem, Nacionalismo e Serviço, palavras cujas iniciais formam a palavra LIONS. O Lions Club Sumaré é o décimo primeiro clube de Lions no Brasil.

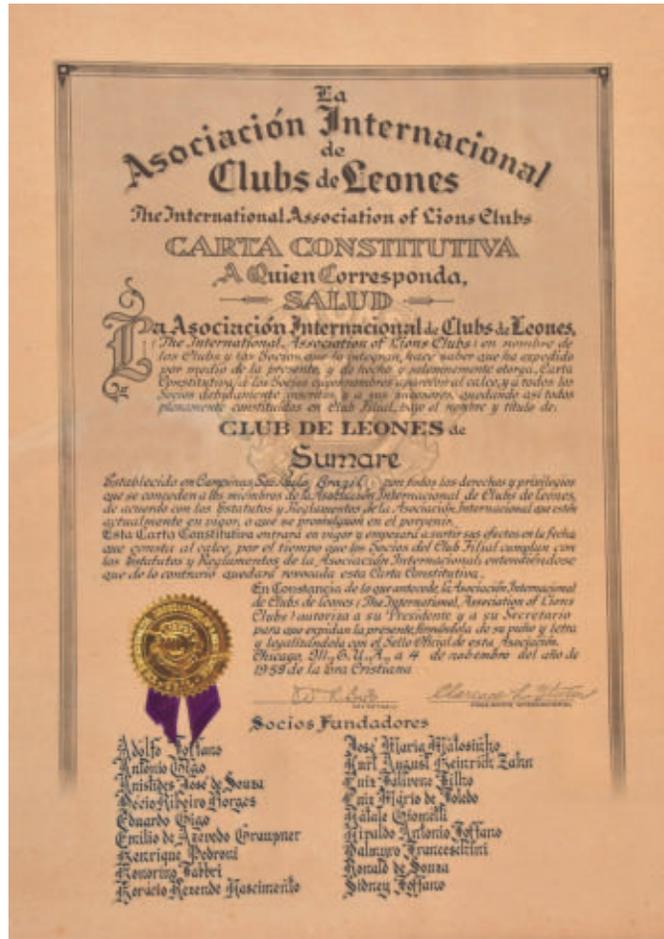
Adolfo Foffano, Antonio Gigo, Aristides José de Souza, Décio Ribeiro Borges, Eduardo Gigo, Emílio de Azevedo Graupner, Henrique Pedroni, Honorino Fabri, Horácio Rezende Nascimento, José Maria Matosinho, Kurt August Heinrich Zahn, Luiz Falivene Filho, Luiz Mário de Toledo, Natale Giometti, Nivaldo Antonio Foffano, Palmiro Franceschini, Ronald de Souza e Sidney Foffano fundam em 27/08/1959 o Lions Clube de Sumaré em sessão solene nos salões do Hotel Máximo Biondo. Seu primeiro presidente foi o Companheiro Leão(CL) Dr. Honorino Fabbri.

Por causa da linha férrea que dificultava a travessia das crianças da Vila Valle para frequentarem a escolas da cidade, o Lions resolveu construir uma escola naquele bairro.





Honorino Fabri - 1º Presidente do Lions Clube de Sumaré - 1959 - 1960



Ganhou dois terrenos da família Valle e através de negociação com o SESI instalou no bairro uma sala de aula e depois a unidade escolar do Ensino Fundamental. Em 1968, a escola foi inaugurada. Até 1980, ela esteve em poder do Lion Clube de Sumaré, quando então a entidade doou ao município o terreno e as instalações prediais. Paralelamente, o Lions também fazia campanhas de acuidade visual junto às escolas municipais e estaduais do município, como também nos núcleos residenciais de baixa renda. Um convênio foi firmado com o Instituto Penido Burnier de Campinas, objetivando cirurgias oftálmicas (principalmente de cataratas) e óculos para a população

carente, resultando em mais de mil crianças atendidas. Um dos pontos altos do Lions Club Sumaré nesses 60 anos de existência foi a participação dos CCLL Eduardo Gigo, Hóracio Rezende Nascimento e Vicente Salvucci, acompanhados de suas respectivas domadoras (DDMM) na Convenção Internacional de Lions Clube em Miami, no ano de 1972, para a eleição do CL João Fernando Sobral como terceiro vice-presidente de Lions Club Internacional. Eleito, João Fernando Sobral tomou posse no Havaí como o primeiro brasileiro a ser Presidente Internacional de Lions Clube. Baluarte do Lions, as domadoras faziam também campanhas

para arrecadação de enxovais para recém-nascidos, enxovais de roupa de cama para o Hospital da Irmandade Conceição, e cestas básicas de alimentos e roupas para a população carente, marcando presença nos movimentos sociais do município, dentre os quais destacamos Instituto Assistencial Pio XII e Rede Feminina de Combate ao Câncer. Os Leões foram se multiplicando e atendendo o lema do Lions: Servir Ao Próximo, marcando presença ainda em outros movimentos sociais, dentre eles: Apae, Pestalozzi, Instituto de Formação do Menor de Sumaré (Patrulheiros), OAB, Cresp, Crea, Associação Comercial, Industrial e Agropecuária De

Sumaré, Comissão dos Festejos do Primeiro Centenário, Festas e Quermesses Religiosas, Mobral, Festa das Nações, Festa do Tomate, Exposição Industrial, Maçonaria, Rotary Club, Casa de Apoio do Hospital Estadual Dr Leandro Franceschini, Fundação Viva Feliz “Antônio Garcia”, entre outros.

Hoje, entre os associados existem profissionais liberais, profissionais da educação, empresários, industriais, como também já teve em seus quadros prefeito, vice-prefeito, vereadores e juizes, além de vários rotarianos na governadoria do Distrito.

Desde o início eram feitas campanhas, tais como: cadeiras de rodas que resultaram em mais de 300 unidades, doadas a diversas pessoas, entidades e ongs; do guardanapo; arrecadação de jornais velhos, garrafas, leite, gelatina e alimentos. Ao Centro Infantil Boldrini em Campinas, por exemplo, foram doadas mais de 20 mil litros de leite. Durante anos participou do desfile cívico de Sete de Setembro como também efetuou a doação das bandeiras estaduais da Praça das Bandeiras para se comemorar o dia da Bandeira. Participou ainda de várias campanhas de vacinação infantil, vacinação antirrábica e também de palestras nas escolas da rede educacional. Foram ainda realizados mais de 10 bailes de debutantes, conforme tradição local. Na década de 90 do século passado, recebeu do município uma área pública e nela edificou o seu Centro Comunitário CL Vicente Salvucci. O Centro presta um papel de interação muito importante com a comunidade local..

Nesses 60 anos, tivemos três frutos: Lions Clube Orquídea e, em duas



Rotary Club - Fundação

ocasiões (1973 e 2003) o Léo Clube Sumaré. O Léo Clube Sumaré em sua última oportunidade de atuação doou a EMEF Antonio Paliotto uma fanfarra completa. .

O Lions é reconhecido como utilidade pública pelo município e também pelo estado de São Paulo. Na entrada de Sumaré, junto ao Viaduto Comendador Aristides Moranza, existe a Praça Lions Clube, denominação aprovada por lei municipal.

Os principais pilares do movimento Lions Club Internacional são: visão, combate à fome, preservação do meio ambiente, prevenção do diabetes e prevenção do câncer infantil. O objetivo primordial do Lions é o entendimento entre as pessoas em uma escala internacional, atendendo as causas humanitárias e promovendo trabalhos voltados às comunidades locais.

O Lions Internacional possui mais de 48.000 clubes com 1,4 milhões de associados nos cinco continentes e em 210 países. A atual presidente do Lions é hoje a companheira Maria Ângela Nascimento Rebuá que poderá ser governadora do distrito LC3 e tornando assim a primeira associada desse clube a ocupar o cargo e não a segunda.

ROTARY CLUB SUMARÉ

ROTARY INTERNACIONAL

O Rotary é a mais antiga organização internacional de clubes de serviço. Criado na cidade de Chicago, nos EUA, em 1905, o Rotary teve como seu primeiro Presidente Paul Harris. Seus associados são homens e mulheres que prestam serviços voluntários às comunidades onde atuam profissionalmente, ajudando a promover a ética nos negócios e desenvolvendo projetos em diversas áreas, como saúde e educação, cujo grande objetivo é estimular a boa vontade e a paz mundiais.

Um dos mais conhecidos projetos do Rotary International é a campanha mundial de combate à poliomielite, desenvolvida desde meados dos anos 1980 em parceria com a Organização Mundial da Saúde e outras entidades. Esta campanha reduziu em 99% os casos mundiais de pólio. No Brasil, a doença foi erradicada em 1989.

O ROTARY NO MUNDO, NO BRASIL E EM SUMARÉ

O Rotary é formado pelos Rotary Clubs, o Rotary International e a Fundação Rotária. Atualmente, o Rotary está presente em 217 paí-



Praca Rotary Club - Inauguracao - Otacilio dos Santos Araujo

ses que reúnem mais de 1,3 milhão de voluntários. Cada clube escolhe seus próprios dirigentes e tem uma considerável autonomia. Os clubes estão agrupados em distritos.

Tradicionalmente um dos países onde o Rotary é mais forte, o Brasil conta com 53.869 rotarianos. Em Sumaré há atualmente 42 rotarianos organizados em 2 Clubes pertencentes à área 13 do Distrito 4621. Temos 1 Rotaract Club, que congrega associados entre as idades de 18 a 30 anos, e em desenvolvimento 1 Interact Club, composto de jovens entre 12 e 18 anos. Existe também 1 Rotakids, com crianças e adolescentes até os 12 anos de idade.

O lema principal do Rotary é: “Dar de Si, Antes de Pensar em Si”.

CRIAÇÃO DO ROTARY EM SUMARÉ

O Rotary em Sumaré surgiu há 48 anos com a criação do Rotary Club de Sumaré, fundado em 04 de maio de 1972, data em que foi admitido no Rotary International. Teve

como padrinho o Rotary Club de Americana, sendo designados auxiliares os Companheiros Sebastião Martins e Osvaldo José Raffa. A primeira reunião foi realizada no Clube União Cultural XVI de Dezembro e as demais no Restaurante Milenita até 1981, ano em que passaram a ser realizadas em sua sede social.

No decorrer dos anos, outros 3 Clubes foram fundados na cidade: o Rotary Club de Sumaré-Norte, fundado em junho de 1989, que teve suas atividades encerradas em 2017; depois foi fundado o Rotary Club de Sumaré-Ação, em 1997, que se encontra em atividade normalmente, e por último o Rotary Club de Sumaré-Villa Flora, criado em 2009, que encerrou suas atividades em 2018.

ROTARY CLUB DE SUMARÉ

O Rotary Club de Sumaré conta hoje com 26 associados. Tem como seu Presidente, para o ano Rotário 2019-2020, o Companheiro Gabriel Carrasco Casquel Junior,

casado com Lornna Mendes Junior. Anualmente o Rotary Club de Sumaré realiza diversos eventos com foco na contribuição para Fundação Rotária, especificamente para a Campanha de eliminação da Poliomielite no mundo. Também atua com muito foco nas necessidades do nosso município para minimizar a fome dos necessitados, tendo em 2018 distribuído para mais de 14 organizações não-governamentais, 21 toneladas de alimentos; outro foco está na acessibilidade de necessitados distribuindo cadeiras de rodas especiais para alunos da APAE de Sumaré, e cadeiras de rodas normais e de banhos para entidades que apoiam os carentes.

No passado, trabalhou para criação da Associação Pestalozzi, pela Casa da Amizade, e também para a criação da Escolinha de Trânsito para crianças e adolescentes. Hoje, ambos os projetos são totalmente gerenciados pela própria Associação Pestalozzi e pela Prefeitura Municipal de Sumaré.

ROTARY CLUB DE SUMARÉ – AÇÃO

O Rotary Club de Sumaré-Ação parte integrante da história do Rotary em Sumaré, teve sua carta de admissão emitida em 01 de setembro de 1997.

Esse clube tem seu diferencial na participação de mulheres em seus quadros, e atualmente é presidido por Elisângela Maria Ferreira, casada com Giane da Silva Ferreira. É a terceira mulher que preside este Clube, sendo sucedida por Rita de Cássia L. Pereira (2006-2007) e Cátia Cristina Franzini (2016-2017).

Anualmente o Rotary Club de Sumaré-Ação realiza diversos eventos voltados a cidadania, meio ambiente, saúde, entre outros. Atua junto ao Rotary Internacional para a erradicação da Poliomielite no mundo e na Campanha da Hepatites Zero.

Os projetos destacados nestes 22 anos pelo Rotary Club de Sumaré-Ação estão na aquisição de grades de proteção para os leitos da Caluz, entidade que acolhe idosos localizada na Região de Nova Veneza; no conserto dos aparelhos de Braille e impressoras quebradas, impedindo que novos alunos pudessem aprender com esse novo método de leitura; na aquisição de uma nova CPU para a Base de Patrulha Aérea em Campinas, facilitando assim rapidez na identificação das ocorrências; em Curso Básico de Primeiros Socorros para as crianças do Rotakids, auxiliando-as nos procedimentos de emergência, e na solicitação dos serviços público, como Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, e outros. Também possui parceria junto à Casa Apoio localizada próximo ao Hospital de Sumaré, entidade que acolhe parentes de pacientes internados no hospital e sem local para se acomodar. A Casa Apoio dá acomodação e refeições aos familiares dos pacientes, enquanto internados no Hospital Estadual.



Marco Rotário Sumaré

A MAÇONARIA EM SUMARÉ

Em Sumaré existem quatro Lojas Maçônicas que atuam de forma discreta, desenvolvendo o ser humano de modo espiritual e intelectual, congregando pessoas de diversas religiões, classes sociais, etnias. Possuem normas que devem ser seguidas pelos seus seguidores, chamados de irmãos, tais como: é proibida a discussão política-partidária e religiosa em seus templos; deve o irmão ter crença em um ente superior que é o Grande Arquiteto do Universo = DEUS; deve haver prevalência do espírito sobre a matéria; não deve haver relação entre religião e maçonaria; deve haver valorização do ser humano; deve participar da comunidade sempre de forma discreta, podendo admitir pessoas de todas as classes sociais.

Tem por princípio atuar de forma beneficente, visando o crescimento espiritual, atuando em entidades assistenciais, como também em pessoas que necessitam de assistência, como cadeiras de roda, consultas médicas, pregando a filantropia em prol da pessoa humana.

A Loja Maçônica é instituição de caráter filosófica, filantrópica, educativa, progressista, moderna, com o escopo de desenvolver o ser



Logo Construtores



Logo Deus Justiça e Amor



Logo Fraternidade Sumareense



Logo Sagrada Virtude



humano em sua parte espiritual e intelectual, sempre atuando de forma discreta. Junto à população de Sumaré, sem distinção de religiões, classes sociais, etnias e cor.

As quatro **LOJAS MAÇÔNICAS** de Sumaré são:

1 – Augusta e Respeitável Loja Simbólica Deus, Justiça e Amor, fundada em 03 de dezembro de 1980 logo após a chegada em Sumaré da Agência do Banco do Brasil, onde trabalhavam vários maçons que vieram para Sumaré. EM 1996, foi inaugurada sua sede com templo próprio, na Avenida da Saudade, onde os maçons passaram a se A Loja Maçônica é instituição de caráter filosófica, filantrópica, educativa, progressista, moderna, com o escopo de desenvolver o ser humano em sua parte espiritual e intelectual, sempre atuando de forma discreta. Junto à população de Sumaré, sem distinção de religiões, classes sociais, etnias e cor. O presidente atual é o irmão Célio Doná.

2 – Augusta e Respeitável Loja Simbólica Fraternidade Sumareense, foi fundada em 05 de dezembro de 2005 nas dependências da Loja Simbólica Deus, Justiça e Amor de Sumaré por decisão da maioria de seus componentes, criando assim um dia a mais de reuniões onde seus futuros iniciados poderiam escolher o seu melhor dia para se reunir. O Presidente atual é o irmão Wellington Donizete da Silva.

3 – Augusta e Respeitável Loja Simbólica Construtores do Templo de Salomão. Foi fundada em 12 de março de 2008 neste município, num local repleto de simbolismo maçônico, no mezanino de uma loja de materiais de construção, onde existiam: cordéis, prumos, martelos, ponteiros, colheres de pedreiro, régua, alavancas, compassos, esquadros e outros, onde os principais clientes eram pedreiros (maçons). Possui Templo Próprio, localizado à Rua Ângelo Ongaro, 1313. O Presidente atual é o irmão Elder José Malentachi.

4 – Augusta e Respeitável Loja Simbólica Sagrada Virtude. Foi fundada em 24 de junho de 2016 nas dependências da Loja Simbólica Eduardo Hansen de Nova Odessa (SP) onde também encontrariam um dia a mais de reuniões, onde teriam a oportunidade de escolher o seu melhor dia para se reunir. Atualmente se reúnem no Templo da Loja Deus, Justiça e Amor- Sumaré (SP). O Presidente atual é o irmão Rildo José Sanches. A Loja Maçônica é instituição de caráter filosófica, filantrópica, educativa, progressista, moderna, com o escopo de desenvolver o ser humano em sua parte espiritual e intelectual, sempre atuando de forma discreta. Junto à população de Sumaré, sem distinção de religiões, classes sociais, etnias e cor. ●



INSTITUTO ASSISTENCIAL PIO XII

UMA HISTÓRIA DE CUIDADO COM SUMARÉ

Há histórias que merecem ser contadas. Sobre acontecimentos, fatos, pessoas e entidades que, em maior ou menor grau, em âmbitos nacional ou municipal, merecem ser compartilhadas por serem histórias que inspiram valores e ideais que nos movem enquanto sociedade.

O Instituto Assistencial Pio XII é uma dessas histórias.

O ano é 1958. No Brasil, Juscelino Kubitschek governa e promete 50 anos de desenvolvimento nos 5 anos de duração do governo. O Brasil ganhava seu primeiro título mundial de futebol, na Suécia. Em São Paulo, muitas das atuais grandes cidades do estado ainda tinham poucos milhares de habitantes. O Brasil crescia, e, com ele, suas diferenças e dificuldades.

Sumaré era parte desse panorama. Contando com pouco mais de 6 mil habitantes no núcleo urbano, somavam-se menos de 10 mil em todo o município, recém emancipado de Campinas. Uma pequena cidade, com muitos problemas.

Desde o início de sua história de crescimento, Sumaré, como tantas outras cidades do país, identifica problemas sociais de diferentes gravidades, que surgem como desafio à nova comunidade. O crescimento populacional era acompanhado por mazelas sociais, logo percebidas pela Igreja Católica,

como acontecia na maior parte das cidades do interior, onde era prática que a sociedade girasse em torno do templo católico mais próximo. O pároco da época, em Sumaré, era Carlos Malho. O sacerdote veio substituir o conhecido padre José Giordano que, naquela época, havia sido eleito prefeito municipal, fato que evidencia a influência que a Igreja mantinha na cidade.

O pároco percebeu, rapidamente, o grande desafio que se lhe apresentava, pois o país ainda estava bastante dividido politicamente, herança dos anos Vargas, bem como também a cidade. As disputas políticas fragmentaram a população e geravam um clima que deveria ser substituído o quanto antes por um sentimento de união e solidariedade entre os sumareenses.

O padre, nesse momento, busca unir a população em torno de um projeto que reforçasse os valores humanitários e filantrópicos, aliados à religiosidade da região, fundando um Instituto Assistencial, que fosse um porto seguro aos que mais precisassem de ajuda na cidade.

O Instituto Assistencial Pio XII foi então fundado, em 11 de março de 1958, deixando claro, já em sua designação oficial, que se dedicava às “famílias necessitadas”, menção que pode ser lida no livro de atas. A designação “Pio XII”

homenageia o papa então falecido, Eugênio Pacelli.

A lista de presentes na Assembleia de fundação, que conta com nomes de destaque da sociedade sumareense da época, mostra o quanto a cidade se uniu para esse propósito representado pela nova entidade.

Estavam nela:

Padre Carlos Augusto Gomes Malho, Tereza Aparecida Vasconcellos Gigo, Anália Oliveira Nascimento, Diva Miranda Giometti, Carlota Bunker de Vasconcellos, Carmen Monteiro de Vasconcellos, Emília Giraldi Quental, Celeste Ferreira, Ana Catarina Primozelli Giometti, Jacira Silveira França, Ida Duarte Franceschini, Dorothy do Valle Miranda, Angelina Giraldelelli, Amália Giraldelelli, Júlia Marson, Antônia Mondini Quental, Olga Paglioto Mondini, Nazareth dos Santos, Encarnação Quental Netto, Otília Marangoni Tognetta, Matilde Marangoni Miranda, Norma Marangoni Basso, Ana Bressiani, Ruth Miranda de Vasconcellos, Catarina Tomazin Carmello, Rosa Pancotti Parmeggiani, Luzia Biondo, Ada Sachetto Foffano, Evangelina Pereira, Angelina Noveletto Tanner, Eglantina Bianchi de Souza, Isaura Lorençatto, Layr Montanari Prozillo, Amélia França Menuzzo, Terezinha Tresoldi Formaggio.



Padre Carlos em visita ao Instituto



Ruth Miranda de Vasconcellos

Nesse momento, o Padre Carlos convida para colaborar com ele, na empreitada, a senhora Ruth Miranda de Vasconcellos, aprovada por aclamação, bem como toda a diretoria da nova entidade.

Começa assim o trabalho em prol da sociedade de Sumaré.

Como parte da estrutura da nova entidade, foi criado o “Dispensário Santa Rita de Cássia”, que tinha como objetivo fornecer roupas e alimentos aos que necessitavam. A sede paroquial era o local onde as atividades eram desenvolvidas. O

atendimento era direcionado, preferencialmente aos doentes, desempregados, viúvas e famílias mais carentes, a quem eram providenciados medicamentos e mantimentos.

Em seguida, visando atender a crescente demanda, o leque de público atendido passou a englobar gestantes e recém-nascidos, aos quais eram providenciadas roupas e enxovais. Ainda mais à frente, passou a atender crianças cujos pais trabalhavam fora e não tinham com quem deixá-las. Passasse então a necessitar de uma sede para que a atuação pudesse crescer. O Dispensário tinha a essa altura, 450 sócios contribuintes, atendendo mensalmente 35 famílias. A linha de atuação do Instituto variava entre festas, concursos e campanhas de conscientização para arrecadar fundos.

Em 1961, a Prefeitura cede um terreno na Rua Tiradentes. A construção tem início com solenidade que contou com a presença de autoridades civis e militares. Até que a sede fosse construída, fora colocado um nicho com a imagem de Santa Rita no local, simbolizando a devoção do povo e a ligação do Instituto com a fé católica. Desses tempos para cá, a iniciativa só cresceu, o Instituto aumentou sua atuação, atendendo mais de 100 crianças, a quem são dados cuidados de alimentação e higiene, e os pais, a quem são dadas orientações quanto a direitos e deveres de cidadania e papel familiar. A estrutura, atualmente, está dividida em quatro grandes núcleos, cada um atendendo uma especificidade, divididos desta maneira, segundo o site da SOFIC:

“1. Dispensário Santa Rita de Cássia: atendia famílias caren-

tes de recursos e em situação de abandono, viúvas, doentes e desempregados, fornecendo gêneros alimentícios e medicamentos.

2. Roupeiro “Dona Carlota de Vasconcellos”: desenvolvia trabalhos de confecção de roupas e enxovais, voltados para noivas, gestantes e recém nascidos de famílias comprovadamente em vulnerabilidade social.

3. Centro Promocional “ Amália Demo Franceschine”: atendia crianças do Centro de Reabilitação Nutricional (Pastoral da Criança).

4. Ninho Infantil “Leontina Gioconda Bordon”: creche voltada para assistência aos filhos de pais em vulnerabilidade social. Devido a demanda de mães que deixavam seus filhos para se dedicarem ao trabalho, surgiu o Projeto Creche existente desde 1974.”¹

Hoje, a entidade tem dois grandes projetos: O projeto Ação para a Vida, que contempla adolescentes em conflito com a lei, entre os 12 e os 18 anos. Também desenvolve o programa “Criança Feliz”, para o desenvolvimento da criança no contexto familiar.

O Instituto Pio XII é, portanto, o pioneiro na cidade na área de assistência social. Sua história e seu exemplo servem de norte a várias das demais iniciativas nessa área que vem sendo realizadas e sua importância para a história da cidade de Sumaré é evidente a partir desse trabalho.

Um exemplo a ser seguido e um privilégio para a cidade de Sumaré ●

1. <http://sofic.org.br/instituto-pio-xii/>



A FUNDAÇÃO DA A.S.M.S

ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES MUNICIPAIS DE SUMARÉ



E.C. Prefeitura - Cunha e Rôxo estão à direita, de pé

A A.S.M.S. - Associação dos Servidores Municipais completou 43 anos de vida no dia 30 de Julho de 2019. A Associação Pró-Memória de Sumaré presta homenagem a essa tradicional entidade, publicando a história de sua criação, através do depoimento de um de seus fundadores, o sr. José Cunha Filho.

Pergunta – Como surgiu a ideia da criação da A.S.M.S.?

Cunha – Eu e o Valdomiro Fernandes (Rôxo) montamos, em 1973, dois times de futebol de campo, com o nome de Esporte Clube Prefeitura, para participação em Torneios do Dia primeiro de maio e campeonatos municipais de Liga Sumareense de Futebol, na época presidida pelo Professor Alvinho Albanuzzi, que nos deu muito apoio, inclusive material esportivo para nossos atletas.

Pergunta – E como foram mantidas essas duas equipes?

Cunha – Para sustentar os times contamos com a colaboração de muitos colegas e Diretores dos Departamentos da Prefeitura (naquela época existiam Departamentos, equivalentes às Secretarias atuais). Instituímos uma mensalidade de 10 cruzeiros; quem nos ajudava a receber era o colega e músico Dorival Gomes Barroca (Pico).

Pergunta – E qual foi a evolução desses times?

Cunha – Com a conquista de diversos títulos e troféus, em jogos e torneios, fomos incentivados por dois Diretores da Prefeitura a fundar uma associação de classe, englobando o funcionalismo da Prefeitura, da Câmara Municipal e do D.A.E. – Departamento de Águas e Esgotos. Esses dois dire-

tores eram os srs. Ulisses Pedroni (Diretor de Administração) e professor Leovigildo Duarte Júnior (Diretor do DECET (Departamento de Educação, Cultura, Esportes e Turismo). Também tivemos uma grande colaboração do Assessor de Imprensa da Prefeitura, o sr. José Lins Phenis.

Pergunta – Depois disso começou o trabalho da constituição da entidade?

Sim. Fomos atrás de associações do gênero de Araras, Campinas e São Paulo, onde obtivemos cópias dos respectivos Estatutos. Daí partimos para os trabalhos burocráticos, com assembleias para discussão de Estatuto próprio e finalmente da própria fundação da A.S.M.S. Era uma entidade que deveria proporcionar aos associados e familiares Recreação, esporte, Lazer e Assistência Social. Nesse meio tempo desenvolvemos campanhas para arrecadação de fundos, visando cobrir os gastos com a organização da entidade e publicação da Assembleia de Fundação, eleição da Diretoria e dos Estatutos Sociais, no Diário Oficial do Estado de São Paulo e no Cartório de Registros de Sumaré. Uma dessas campanhas foi a confecção e venda de 100 bolsas confeccionadas com o Brasão de Sumaré.



Leovigildo Duarte Jr.

Pergunta – Quem foram os fundadores da A.S.M.S.?

Cunha – Foram: Adebrail de Jesus Moranza, Alvino Albanuzzi, Antônia Fuzzel, Antonio Michelin, Anselmo Crepaldi, Antonio Celso Formaggio, Ângela Maria Serra, Alfredo Dias Porto Júnior, Álvaro Barijan, Armando de Paula, Arcílio Rodrigues, Azemar Teixeira, Bento Rohwedder, Carmelino Pires de Almeida, Cláudio Vicari, Clemente Galusni, Clóvis Nogueira, Djacir Sanguini, Elpídio Bazan Júnior, Euclides Puche, Euclides Barijan, Gonçalo Scherader, Hermenegildo dos Santos, Hélio Tognetta, Hermann Yanssen, Ivan Armando Tognetta, Ivo Naufal Gantuz, Jarbas Teixeira, José Natal Bazan, José de Marchi, José Cunha Filho, José Teixeira, José Fávare, José Rodrigues Filho, José Souza Aranha, José Luiz de Castro, José Antonio Cid, João Bicudo de Campos, Lauridí José Gomes, Leovigildo Duarte Jr., Liberal Nunes, Leonel Nascimento, Luiz Tomazin, Marcos Aurélio de Marchi, Mauro Basso, Mauro de Mattos, Moacir Paviotti, Miguel Rodrigues de Queiroz, Maria Dias, Mauro Modesto, Nelson

Nogueira de Carvalho, Osvaldo de Souza Aranha, Osvaldo Barbosa, Osvaldo Quaglio, Osvaldo Carlos de Oliveira, Olívio Santos Omborgo, Osni Donizetti Beloso, Orazil Pereira de Camargo, Paulo Ghirardello, Ramon Vicente, Raul Barbieri, Riciere Bazaglia, Ruth Furoni Pedra, Sebastião Antonio da Costa, Ulisses Pedroni, Valdemir José Foffano, Veriano Gadiolli, Vítório Padovani, Valdomiro Fernandes, Vladir José Sturaro, Wagner Aparecido Jordão.

Pergunta: E as Diretorias?

O professor **Leovigildo Duarte Júnior** lutou muito pela regularização da entidade - a abertura e organização da associação. Os primeiros passos foram difíceis, não só por causa da burocracia, mas também por falta de recursos. Todo começo é difícil, o da A.S.M.S não foi diferente e o professor foi uma pessoa importante nesse processo. A diretoria de **Adebrail de Jesus Moranza** conseguiu do Prefeito Paulo Célio Moranza a cessão do terreno para a entidade, onde hoje é a sede recreativa; conseguiu cercá-la com tela; A Diretoria de **Joaquim Ferreira Gomes Neto** fez o campo de futebol soçaite e o demarcou; realizou a primeira construção de um salão para festas; adquiriu um Fusca e abriu o convênio com a UNIMED; a Diretoria de **José De Nadai Filho** construiu os quiosque a o vestiários para os praticantes do futebol; trocou a cerca de tela pelo muro de blocos.

Pergunta – E a sua Diretoria?

Cunha - Minha Diretoria equipou todos os quiosques com churras-

queiras, freezer e mesas com bancos; equipou o salão de festas com mesas e cadeiras; comprou uniformes para todas as modalidades esportivas; construiu a lanchonete fora do salão de festas; construiu uma cozinha para os funcionários, que na época eram sete; adquirimos equipamentos para o escritório, inclusive computadores. Compramos um terreno ao lado do Fórum, por 45 mil Cruzeiros. Aumentamos os convênios entre saúde, farmácias, mercados, açougues e outros estabelecimentos da cidade; deixamos um fundo de reserva com mais de 200 milhões de cruzados. Promovemos a realização de várias excursões entre os associados.

Pergunta – Quantos associados tinha na sua gestão?

Cunha – Deixamos um quadro com 3.308 associados.

Pergunta – Como se sente hoje, tendo participado da criação e da gestão da A.S.M.S. ?

Cunha – Sinto-me realizado e contente de ter participado da A.S.M.S. desde seus primeiros passos; de ter trabalhado com pessoas ilustres de nossa cidade, que deram parte de seu tempo em prol da cidade e da entidade. Hoje a A.S.M.S. é uma entidade respeitável, com um grande patrimônio. Seus sócios podem e devem se orgulhar dela. ●

(A Associação Pró-Memória de Sumaré cumprimenta os associados da A.S.M.S. por ocasião de seu aniversário. Rende também homenagens póstumas a todos fundadores da entidade, já falecidos.)

Publicado pelo Jornal Tribuna Liberal de 29/07/2018

AUTORES

Alaerte Menuzzo

Professor de história pela PUC-Campinas. Ex-Diretor do CONDEPHAEA – conselho do patrimônio histórico artístico e etnográfico de Sumaré. Fundador e diretor patrimonial da Associação Pró-memória Sumaré. Cronista de jornais e revistas de Sumaré. Autor e co-autor de vários livros sobre a História de Sumaré.

Antônio Daniel do Carmo

Poeta, funcionário público, graduado em letras pela Unar, estudante de Pedagogia pela Univesp. É diretor da Associação Promemória de Sumaré, faz parte do grupo literário Renascença e Amigos da Biblioteca de Sumaré. Foi um dos idealizadores e participante do livro Primeira Antologia de Poetas de Sumaré, publicou seus trabalhos em jornais da região de Sumaré, participou do "décimo Festival de Sonetos Chave de Ouro" da Academia Jacarehyense de Letras, onde teve por prêmio Medalha de Menção Honrosa com o soneto "O amor. Também teve mais dois sonetos publicado na coletânea " Os 50 melhores Sonetos referente ao festival.

Bruno Izaias da Silva

Graduado em História pela Universidade do Vale do Sapucaí, foi professor por sete anos junto da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, atuando nas cidades de Sumaré e Hortolândia. Atuou também em âmbito Federal, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Campus Inconfidentes. Diretor Social Adjunto da Associação Pró-Memória de Sumaré e membro do Conselho de Cultura da Secretária de Cultura, Esporte e Lazer da Prefeitura Municipal de Sumaré. Graduando Tecnólogo em Logística pelas Faculdades Anhanguera.

Carla Aparecida Peruzzo

Graduada em História pela UniCesumar, Teóloga Feminista formada pelo I.T.Q - SP, integrante do Coletivo de Artistas - Amigos das Artes de Sumaré, atua como maquiadora profissional social e artística desde 2002.

Fernanda Gabriela Biondo

Bacharel e licenciada em História pela UNICAMP. Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Atua como profissional do campo do Patrimônio Cultural desde 2013. É Diretora Adjunta da Associação Pró-Memória de Sumaré.

Francisco Antonio de Toledo

Professor de História Formado pela PUC-Campinas. Ex-Presidente do CONDEPHAEA – conselho do patrimônio histórico artístico e etnográfico de Sumaré. Cronista de jornais e revistas de Sumaré. Autor de Cinco livros sobre a História de Sumaré.

Glauce Ongaro

Licenciada em Matemática pela PUC; Premiada em 4º lugar no Mapa Cultural Paulista, categoria fotográfica edição 2005/2006; Diretora Social da Associação Pró-Memória Sumaré.

José Rodrigues Antonio

Licenciado em Letras: Português e Inglês – PUC Campinas. Pós graduado em Linguística- PUC Campinas. Licenciado em Pedagogia e Supervisão Educacional FFCL Plínio Augusto do Amaral Amparo. Pós graduado em Gestão Educacional, Gestão de Pessoas, Gestão Financeira, Gestão Pedagógica e Administrativa SEE- Botucatu. Prof. de Língua Portuguesa e Literatura na EM Dr. Leandro Franceschini de 1975 a 2005. Supervisor de Ensino na DE-R Sumaré no período de 1993 a março de 2004. Diretor da EE Prof. André Rodrigues de Alkmin até julho de 2018. Membro da Associação Pró Memória de Sumaré

José Cunha Filho

Nascimento em 05/05/1942 natural de Casa Branca SP. Saiu do Sítio com 21 anos, trabalhou com transporte de Petróleo de São Paulo à Brasília.

Em Sumaré trabalhou na Firma Tema TERRA, na construção da Replan em Paulínia, na Prefeitura e Câmara Municipal de Sumaré,

onde se Aposentou no ano de 1993, hoje faz parte da Diretoria da Associação Pró-Memória de Sumaré com muito orgulho.

Juliana Paiola

Formada em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas em 2002, atualmente é Promotora de Eventos da Prefeitura de Sumaré e Coordena a Feira de Artesanato de Sumaré. Membro do Conselho do Patrimônio Histórico de Sumaré - CONDEPHAEA.

Julio Jose Campigli

Diretor da PRO-MEMORIA DE SUMARÉ, formado em Geografia (USP / Cidade Universitária-São Paulo,) Estudos Sociais (UNIFAI-Adamantina), Pedagogia (UNOESTE-Presidente Prudente), Direito (UNIMEP-Piracicaba), advogado, Supervisor de Ensino aposentado, Diretor do DECET-Sumaré (1989/1990), Delegado de Ensino substituto interino de Sumaré, Professor universitário: UNIFAI (Adamantina), NETWORK (Nova Odessa), UNOPEC (Sumaré), UNASP- (Hortolândia),totalizando 30anos de docência no ensino superior., Vice-Diretor da FAFIA - Adamantina(1971/1972).

Mara Alice Forti

Graduação em História pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) Pós-graduação em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Aldeia de Carapicuíba (FALC). Pós-graduação em História pela Universidade de Campinas (Unicamp). Acabei de me aposentar no Estado de São Paulo em maio de 2019.

Marlene Giroto

Professora de História formada pela Faculdade de Ciências e Letras Plínio Augusto do Amaral. Pós-Graduada em Gestão Educacional pela UNICAMP. Diretora aposentada. Colaboradora da Pró-Memória de Sumaré.

Roberto Cordenonsi

Empresário do ramo imobiliário; ex-Vice-Prefeito Municipal de Sumaré; Conselheiro Membro do CONDEPHAEA – conselho do patrimônio histórico artístico e etnográfico de Sumaré; Diretor da Associação Pró-memória de Sumaré e Membro do Lions Clube.

SÓCIOS CONTRIBUENTES

ACIAS – Associação Comercial Ind. Agrop. Sumaré	Everaldo Ricatto	Lucas Camargo Donato	Rodrigo Matosinho
Adalto Gomes da Silva	Fábio Araújo Pires	Luciano Ricatto	Roselena de Rezende Sales
Ademir Lorençatto	Fellipe Comine Oschin Alves	Luíz Antonio Pietrucci	Sérgio Rosa
Airton Ataíde Noveletto	Flávio Biondo	Luíz Antonio Rosa	Sidney Foffano
Alaerte Menuzzo	Francisco Antonio de Toledo	Luíz Carlos Piazzentin	Sidney Garcia
Alairton Marangoni	Francisco Clemente	Lupércio Cia	Sidney Verza
Alan Cardeque Simões de Almeida	G2 Contabilidade	Luíz Falivene Neto	Silvino Fontana Júnior
Alessandra Carvalho Mengue	Genésio Boldrin	Maelô Bike	Silvio César Coltro
Alpe Segurança	Gilberto Moranza	Marcelo Franceschini	Suely Ongaro
Andecléia de Fátima Gualtieri	Giovana Menuzzo	Márcio Beltrame	Têxtil Asséf Maluf
Anete Maria de Azevedo	Glauce Ongaro Jirschik	Márcio Eugênio Martins	Ulisses Pedroni
Antonio Carlos Marangoni	GoodBom Supermercados	Márcio Frizoni Motos Ltda	Valdemir Aparecido
Antonio César de Vasconcellos	Gutemberg Portella	Márcio José Vasconcellos	Ravagnani
Antonio Daniel do Carmo	Hélio Ricardo de Almeida	Márcio Junior Brianes	Valdir de Oliveira
Antonio Enes Júnior	Herman Yanssen	Marcos Aurélio de Araujo	Valdomiro Villis Klava
Antonio Euclides Marcello	Hermenegildo Gigo Neto	Maria Aparecida Bellintani	Valentim Carlos Omborgo
Antonio João	Hermenegildo Maialle	Maria Celeste P. Tardio	Vânia Martins Crivelaro
Antônio José Pinto	Imobiliária Eldorado	Marlene Giroto	Vânia Vasconcellos
Aparecido Ângelo Gonçalves	Isidra Aina Weiss	Mercedes Volterani Galo Duarte	Vladir José Sturaro
Aristides José de Souza	Izalto Junior Conceição Matos	Mike Juan de Oliveira Gomes	Veccon Empreendimentos
Arivaldo Marangoni	Jair Menuzzo	Mildred de Souza Lara Netto	Imobiliários
Auto Posto Parque Ongaro	Jarbas Teixeira	Milton Ângelo Ongaro	Vilson Oschim Alves
Benedicto Aparecido Pianosk	Jasmide Sidnei Cia	Milton Coltro	Wellington Correia de Oliveira
Bruno Izaías da Silva	João Álvares	Mirian Lara Netto	Wilson José Ravagnani
César Barijan	João Rubens Gigo	Nelson Elias Cury	Zagui Informática
Cesarino Carvalho Junior	Joel Cardoso	Nestor Geraldo Duarte	
Celso Nardy	Joel Pizarro	Ney Soares	
Claudia Alves Rodrigues Pandin	José Antonio Hespanhol	Norberto Valentino Fávero	
Cláudio Aparecido Padovani	José Antonio Rodrigues	Orivaldo Caron	
Débora Polo Souza	José Batista Antunes de França	Orlando Fabbri	
Desktop Informática	José Carlos Coltro	Osmar Miranda Junior	
Dinorá Gigo	José Cunha Filho	Otávio Moretto	
Dionísio Kalvon	José Dalton Gomes Morais	Otávio Tomazim	
Djacir Sanguini	José Ferreira Quental	Ótica Caron	
Domingos Carlos Guerreiro	José Fortes D'Almeida	Paulo Eduardo Miranda	
Eduardo Aparecido Nascimento de Lima	José Lins Phenis	Plínio Giometti Filho	
Edvardo Frezzarin	José Mancino Neto	Raul Pereira de Camargo Júnior	
Elias Germano	José Vilalon Filho	Reginaldo Melo	
Elizabeth Aparecida. Serra Tanner	Juliana Paiola	Renato Ghirardello	
Ernani Cappi Júnior	Júlio Alves de Oliveira	Renato Sólton Ribeiro Júnior	
Eugênio Coltro	Júlio José Campigli	Ricardo Henrique Allegretti	
	Laércio Aparecido Fregatti	Roberto Cordenonsi	
	Laerte A. Dell'Agnezza	Rodrigo Cia	

IMOBILIÁRIA ELDORADO

A IMOBILIÁRIA ELDORADO nasceu no dia 21 de janeiro de 1977, através da iniciativa de quatro pessoas: Clodoaldo Gomes Barroca, Valter Pedroni, Marcelo Pedroni Neto e José Carlos Pedroni. Em 1979 a empresa adquiriu o prédio do antigo Banco do Comercio e Indústria de São Paulo, conhecido popularmente como COMMIND, instalado na Avenida 7 de Setembro n. onde hoje está instalada a imobiliária.

Desde então, ao longo dos anos, a empresa vem crescendo continuamente, atuando principalmente nos municípios de Sumaré e Hortolândia, bem como na Região Metropolitana de Campinas. Hoje a ELDORADO é uma das maiores empresas do gênero do município e está sendo administrada pelo Dr. José Carlos Pedroni, que também é advogado, e pelos filhos Viviane de Vasconcellos Pedroni e Renan de Vasconcellos Pedroni. O sucesso da empresa passa pela sua filosofia de trabalho, que é a de "promover o desenvolvimento dos negócios do setor imobiliário através da eficiência na prestação de serviços de qualidade e otimização dos processos comerciais, buscando a satisfação de todos" e "conhecer profundamente o mercado em que atua, entendendo as necessidades do cliente para atendê-lo de forma rápida, segura e eficaz, priorizando a transparência e confiabilidade em todas as negociações".

A ELDORADO conta hoje com mais de 70 corretores de imóveis credenciados (e esse número vem aumentando

a cada dia), além da equipe operacional e administrativa, com cerca de 50 colaboradores, alocados estrategicamente em 4 unidades de negócios, todas com sede própria. No setor jurídico, a empresa conta com uma equipe de 6 advogados especializados em direito imobiliário.

Todos esses profissionais possuem especialização nas áreas em que atuam e sempre trabalham com muita transparência e energia positiva para atender a todas as necessidades dos clientes, nos mais variados tipos de negócios imobiliários.

A ELDORADO possui mais de 5.000 opções de imóveis residenciais, comerciais e industriais selecionados, anunciados em site próprio e nos principais portais de divulgação. Além disso possui uma equipe técnica que faz prospecção de áreas para variados tipos de empreendimentos imobiliários, como incorporação ou loteamento. Complementa esse trabalho com estudo estratégico técnico-comercial e de viabilidade, gerenciamento de documentações, auxílio na aprovação de projetos junto aos órgãos competentes, até a assessoria completa na busca do local ideal para a instalação de sua empresa, seja através da construção ou locações de galpões, operações BTS (Builttosuit), LB (Leaseback), SB (Sales back), etc.

O grupo ELDORADO, como organização, tem como MISSÃO valorizar a importância de contribuir para o desenvolvimento da sociedade, de seus clientes e colaboradores.



Eldorado
Imóveis

CRECI 1598J



- ✓ Alugue ou venda o seu imóvel conosco
- ✓ Compre terrenos, casas ou apartamentos

Saiba mais em www.eldoradoimoveis.com.br

SUMARÉ (MATRIZ) 3803-1330 | MATÃO 3854-2149 | HORTOLÂNDIA 3865-1892

Ou fale conosco pelo Whatsapp central: (19) 9 9448-6472



45 anos

Localizada em um dos maiores polos têxteis da América Latina a Lahuman Indústria e Comércio atua na produção de fios e tecidos plásticos de monofilamento em polietileno de alta densidade, específicos para uso técnico nas áreas de **agricultura, pecuária, construção civil, tecelagens e móveis de praia**, além de fios de multifilamento em polipropileno de alta tenacidade.

Agronegócio 

Telas de sombreamento e proteção agrícola.

Construção Civil 

Redes de proteção
Tela mosquiteiro
Tela fachadeira.

Esporte e Lazer 

Tela para cobertura de piscina e tecido para cadeira de praia.

Manufatura 

Fios de multifilamento
Tela industrial para peneiras e lonas.

Há 45 anos produzindo as melhores soluções para o Agronegócio, Construção Civil, segurança, esporte e lazer.



Redes de proteção para Janelas e Sacadas.



Telas para sombreamento e proteção Agrícola.



SACARIAS ESPECIAIS

Sacarias em Polipropileno para Batata e Cebola.



Tecido arejado para BIG BAG de produtos especiais.



Tecido para Cadeira e Bolsa de Praia.



Fios de Multifilamento em Polipropileno, para Cordas e Cintas técnicas.

Pioneira na cidade de Sumaré -SP, contamos com uma moderna infraestrutura de 25.000M². Atendemos todo o território nacional e Mercosul, produzindo soluções para o Agronegócio, Construção Civil, indústrias de Big Bag, segurança, esporte e lazer.

✉ vendas@lahuman.com.br

☎ 19 3803.9090

☎ 19 97119.3986



www.lahuman.com.br

POSTO ONGARO



O Posto Ongaro nasceu no dia 16 de dezembro de 1987, através de dois sócios: Ana Maria Mancini Ongaro e seu filho Ângelo Ongaro (Neto). O funcionamento efetivo do negócio, instalado na Avenida Rebouças n. 3000, deu-se no ano de 1991.

Hoje é um dos maiores postos de serviços e revenda de combustíveis de nossa cidade. Prezando pela qualidade, a empresa ampliou consideravelmente sua atividade, com a abertura de uma segunda unidade na Rua Ângelo Ongaro n. 1318, com o nome de fantasia de Posto Casarão e a criação de uma empresa agregada ao Posto Ongaro, denominada Cotton Café e Eventos, em 2014. Além de comercializar produtos alimentícios, o Cotton dispõe de três salões para eventos e reuniões corporativas, com espaço para 50, 70 e 100 pessoas.

Hoje o grupo do Posto Ongaro emprega mais de 30 pessoas.

Com o falecimento de Ana Maria, ingressou na sociedade como sócia cotista a irmã de Ângelo.

O Posto Ongaro foi construído na antiga propriedade rural de Ângelo Ongaro, um imigrante italiano e patriarca da família, denominada Sítio Ouro Branco, em alusão à cultura do algodão, da qual foi um dos maiores produtores da região. Essa

propriedade foi herdada por Silvio Ongaro, esposo de Ana Maria, e pai de Ângelo Ongaro (Neto), Glauce Ongaro, Suely Ongaro, Valdiney Ongaro e Flávio Ongaro. Esse antigo sítio é ocupado hoje pelo Posto, pelo Cotton Café, pela Galeria Ouro Branco, pelo Shopping Park City e loteamento Parque Ongaro.

Ângelo Ongaro veio para o Brasil no dia 25 de novembro de 1891, na condição de imigrante italiano, acompanhado dos pais Giovânio Ongaro e Teresa Ongaro, e outros cinco acompanhantes. Depois de uma breve permanência em Campinas, a família Ongaro mudou-se para Sumaré, onde se tornou proprietária de várias áreas rurais, depois de muito trabalho e sucesso em diversas lavouras.

A família de Silvio Ongaro recebeu por herança duas dessas propriedades: o Sítio Ouro Branco e o Sítio São João, no vizinho município de Hortolândia. Depoimentos de pessoas antigas de nossa comunidade informam que essa propriedade de Hortolândia fazia parte de uma antiga fazenda de aproximadamente 700 alqueires, que foi vendida para cinco pessoas de Rebouças: Atilio Foffano, Tranquillo Menuzzo, Manoel de Vasconcellos, João Franceschini e Ângelo Ongaro.

Orgulho de ser IC TRANSPORTES

Claremont

Somando mais de 30 anos em atividades, a **IC Transportes** se orgulha de ser composta por pessoas que fazem a diferença. Assumimos juntos o compromisso de respeitar o potencial humano de nossos colaboradores, atendendo às necessidades logísticas do mercado com a segurança, sustentabilidade, qualidade e a inovação pelas quais somos reconhecidos nacionalmente.

Segurança que faz todo o sentido.
Gente que faz toda a diferença.



IC
TRANSPORTES

www.ictransportes.com.br

UM BOM NEGÓCIO COMEÇA COM TRÊS LETRAS:



Há mais de
23 anos
ao seu lado.

A **AVM Imóveis** é reconhecida por fazer um trabalho de qualidade e confiança, com a certeza de que nossos clientes sempre são atendidos por profissionais qualificados, dispostos e prontos para oferecer a melhor opção para cada demanda específica.

Contamos com a maior variedade de tipos de imóveis, garantindo que você encontre sempre a opção perfeita para sua moradia ou negócio.

 avmimobiliaria

 avmimoveis.com.br

R. Dom Barreto, 1350, Centro | SUMARÉ - SP ☎ 19 3873 1000

R. Luiz Camilo de Camargo, 185 | HORTOLÂNDIA - SP ☎ 19 3865 4859

TO

TEXTIL OMBORGO

Produzindo tecidos
desde **1978!**



www.textilomborgo.com.br

club **Chegou!**
GoodBom
de vantagens

**Descontos e Promoções
 personalizadas pra você!**



no App



no Site



na Loja



1

BAIXE



2

ATIVE



3

APROVEITE



Basta informar seu CPF
 para ter acesso aos descontos.



BAIXE GRÁTIS





151 anos

Você
presente
na nossa
história

Símbolo cívico da cidade, a Câmara é o espaço para o exercício da cidadania plena e do espírito democrático que marca a trajetória do nosso povo.

Neste aniversário, reforçamos o compromisso de ser a casa dos sumareenses, aberta para recebê-los nas atividades legislativas e sessões plenárias. O futuro que aponta para uma Sumaré cada vez melhor passa por aqui e você é nosso convidado para construir essa história.



Sessões Ordinárias
Terças-feiras



18h



Trav. 1º Centenário
32 - Centro

www.camarasumare.sp.gov.br

PREFEITURA DE SUMARÉ

+ Saúde para você!

Para um atendimento adequado e de qualidade, a Prefeitura implantou os centros especializados de saúde: Centro de Longevidade, para assistência à Melhor Idade; Base de Excelência da Mulher, acolhendo o público feminino; e dois Centros da Criança, para cuidado com a garotada. Isso é respeito e carinho pela população e uma saúde cada vez mais digna e humanizada!



Prefeitura de
SUMARÉ
Renovada e Forte.



